



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS
CULTURAIS**

Arilda Araújo Lopes

**A contribuição da literatura na construção de memória e identidade da cultura
afro-brasileira**

Canoas, 2024.



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS
CULTURAIS**

Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais

Arilda Araújo Lopes

**A contribuição da literatura na construção de memória e identidade da cultura
afro-brasileira**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Memória Social e Bens Culturais, pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

Orientação: Prof(a). Dr(a). Lúcia Regina Lucas da Rosa

Canoas, 2024.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L864 Lopes, Arilda Araújo.

A contribuição da literatura na construção de memória e identidade da cultura afro-brasileira / Arilda Araújo Lopes. – 2024.

137 f. : il.

Dissertação (mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2024.

“Orientação: Profa. Dra. Lucia Regina Lucas da Rosa”.

1. Literatura infantil afrocentrada. 2. Cultura afro-brasileira. 3. Identidade. 4. Memória RS. I. Backes, Luciana. II. Título.

CDU: 316.7

ARILDA ARAÚJO LOPES

**A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA NA CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA E
IDENTIDADE DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA**

Dissertação aprovada para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, da Universidade La Salle.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Aline Aver Vanin
Universidade de Santa Cruz do Sul

Prof. Dr. Gilberto Ferreira da Silva
Universidade La Salle, Canoas/RS

Prof.^a Dr.^a Rute Henrique da Silva Ferreira
Universidade La Salle, Canoas/RS

Prof.^a Dr.^a Lúcia Regina Lucas da Rosa
Orientadora e Presidente da Banca - Universidade La Salle, Canoas/RS

Área de concentração: Memória Social e Bens Culturais

Curso: Mestrado em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 27 de março de 2024.

Dedico esta escrita ao meu filho Lucca.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão a um Deus maior que ouve minhas preces nos momentos de aflição e desespero, acalentando meu coração para que eu jamais desista.

Ao meu filho Lucca, por seu amor, amizade, apoio e paciência durante todo o processo de elaboração do projeto e escrita desta dissertação. Seu incentivo e encorajamento têm valor inestimável e me ajudaram a superar os desafios que surgiram ao longo do caminho.

Também gostaria de agradecer à minha orientadora Lúcia Regina Lucas da Rosa, cuja orientação e conhecimento foram fundamentais para a conclusão deste projeto.

E, não menos importante, à Paola Verdun, que foi uma luz que chegou em minha vida para abrilhantar meus conhecimentos, a quem quero levar no coração para a eternidade.

Agradeço imensamente à Universidade La Salle, por me proporcionar uma educação de qualidade e por me ajudar a transcender meus limites e almejar alcançar novos patamares em minha jornada acadêmica.

Negro,
Negro,
que estrada comprida,
tão difícil
de aportar!
Que estrada tão difícil
de chegar.
Que montanha mais difícil
de escalar!
Por que
tudo te é difícil
te fazem impossível chegar?...
Não te preocupes, mano!
Muito breve,
juntos.
Juntinhos,
chegamos lá.

Antônio Vieira, 1980.

*Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela
tampouco a sociedade muda.*

Paulo Freire

RESUMO

Esta pesquisa surge do desconforto que causam as (não) ações referentes à implantação da Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003 (BRASIL, 2003) nas escolas, por que, recentemente, completou 21 anos. Tem como problema de pesquisa a seguinte questão: como construir uma memória de livros afrocentrados como reconhecimento de identidade cultural? O objetivo geral é analisar como é tratada e apresentada a cultura afro-brasileira nas instituições a partir do estudo da literatura afrocentrada. Este trabalho tem relevância social a partir do momento em que se percebe, ao iniciar a caminhada investigativa, que atualmente pouco se fala em cultura afro-brasileira no contexto educacional estudado. Assim, a metodologia escolhida para se chegar aos objetivos propostos é de abordagem qualitativa, por meio da análise de livros didáticos de História do 3º ano do ensino fundamental e nos livros literários afrocentrados de uma biblioteca, articulando-a a bases teóricas da memória social, da cultura afro-brasileira e da educação. Para analisar as obras foram criadas as seguintes categorias: Memórias subterrâneas, Estereótipos e fetichismo, Cultura negro africana, Consciência histórica, Representação positiva e Pistas para discussão. Percebe-se que a cultura afro-brasileira é mencionada nos livros didáticos analisados de maneira superficial e estereotipada como nas imagens e na escrita, ainda que depois de tantas leis regulamentadas esses estereótipos ainda se mantêm em pleno século XXI. O trabalho deixa uma perspectiva de continuação dos estudos sobre as relações étnico-raciais tão importantes para o campo educacional. Ao realizar essas problematizações, esta pesquisa visou encontrar alternativas que possibilitem mais conhecimento e reflexão por meio dos cards educativos com sugestão de outras obras literárias afrocentradas infantis, para que tanto os professores como os alunos entendam a importância de trabalhar tais obras dentro de sala de aula.

Palavras-chave: literatura infantil afrocentrada, cultura afro-brasileira, identidade, memória.

ABSTRACT

This research arises from the discomfort caused by the (non) actions regarding the implementation of Law nº 10,639 of January 9, 2003 (BRASIL, 2003) in schools, because it recently completed 21 years. The research problem is the following question: how do build a memory of Afro-centered books as a recognition of cultural identity? The general objective is to analyze how Afro-Brazilian culture is treated and presented in institutions based on the study of Afro-centered literature. This work has social relevance from the moment one realizes when starting the investigative journey, that little is currently said about Afro-Brazilian culture in the educational context studied. Thus, the methodology chosen to reach the proposed objectives is a qualitative approach, through the analysis of History textbooks from the 3rd year of elementary school and Afro-centered literary books from a library, articulating it with the theoretical bases of social memory, Afro-Brazilian culture, and education. To analyze the works, the following categories were created: Underground memories, Stereotypes and fetishism, Black African culture, Historical consciousness, Positive representation, and Clues for discussion. Afro-Brazilian culture is mentioned in the textbooks analyzed superficially and stereotypically, such as in images and writing, even though after so many regulated laws these stereotypes persist in the 21st century. The work leaves a perspective for continuing studies on ethnic-racial relations that are so important for the educational field. By carrying out these problematizations, this research aimed to find alternatives that enable more knowledge and reflection through educational cards with suggestions of other Afro-centered children's literary works, so that both teachers and students understand the importance of working on such works within the classroom.

Keywords: Afro-centered children's literature, Afro-Brazilian culture, identity, memory.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - A cidade de Balneário Gaivota/SC	28
Imagem 2 - A cidade de Balneário Gaivota/SC	28
Imagem 3 - As festas da cidade	31
Imagem 4 - As festas da cidade	31
Imagem 5 - Cultura Afro-Brasileira & Escola	48
Imagem 6 - Card Chutando Pedrinhas	79
Imagem 7 - Card Contos Africanos para Crianças Brasileiras	80
Imagem 8 - Card Crianças de Axé	81
Imagem 9 - Card Meninas Negras	82
Imagem 10 - Card Meu Crespo é de Rainha	83
Imagem 11 - Card Minha Mãe é Negra Sim!	84
Imagem 12 - Card O Pequeno Príncipe Preto	85
Imagem 13 - Card Princesas Africanas	86
Imagem 14 - Interface da página inicial do site leituras-afrocentradas.....	87
Imagem 15 - Página do site leituras-afrocentradas	88

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Artigos	54
Quadro 2 – Dissertações e Teses	57
Quadro 3 – Temas abordados nos livros didáticos de história	64
Quadro 4 – Temas abordados nos livros de contos	73

LISTA DE SIGLAS

ACT	Admissão de professores em Caráter Temporário
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEI	Centro de Educação Infantil
EEEF	Escola Estadual de Ensino Fundamental
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PL	Projeto de Lei
PNLD	Plano Nacional do Livro Didático
SECAD	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
TEN	Teatro Experimental do Negro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Superação e Transformação - Memorial	19
2 O CONTEXTO ESTUDADO.....	24
2.1 Contextualização do local/instituição/município.....	26
2.2 A perspectiva de espaços de cultura e de memória sobre a cultura afro em Balneário Gaivota-SC.....	29
2.3 Balneário Gaivota – Sua Terra... Sua Gente.....	32
2.4 Obras literárias infantis afrocentradas na Instituição Z da cidade	35
2.5 Os 21 Anos da Lei 10.639 de 09 de janeiro 2003	37
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	40
3.1 Memória Social	39
3.2 Das produções escritas sobre literatura afro-brasileira	46
3.3 Por que falar de Representação.....	55
4 A CULTURA AFRO EM ARTICULAÇÃO COM A MEMÓRIA SOCIAL, A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E A REPRESENTAÇÃO: BASES CONCEITUAIS.....	43
4.1 Memória Social	44
4.2 Das produções escritas sobre literatura afro-brasileira	51
4.3 Por que falar de Representação.....	60
5 CULTURA, IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO AFRO EM LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA E EM LIVROS DE CONTOS INFANTIS: UMA BREVE ANÁLISE ...	63
5.1 Os livros didáticos de História ofertados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de SC	63
5.2 Os livros de contos infantis afro da Instituição X	72
6 LEITURAS AFROCENTRADAS - O PRODUTO FINAL.....	77
7 ALGUMAS CONCLUSÕES	89
REFERÊNCIAS.....	93

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surge do desconforto que causam as (não) ações referentes à implantação da Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003 (BRASIL, 2003) nas escolas, a qual recentemente completou 21 anos. A pesquisa sobre as relações étnico-raciais iniciou em uma Instituição X, onde atuei como professora, e estendeu-se para outras instituições onde foi investigada a existência ou não de obras literárias voltadas para a cultura afro. Assim, lança-se um olhar sobre o lugar ocupado pela cultura afro-brasileira no currículo escolar advindo da lei 10.639 de 09 de janeiro 2003 (BRASIL, 2003) desenvolvida nas séries iniciais no ensino fundamental regular. A escolha por este público deve-se pelas práticas e o conhecimento adquirido no decorrer de minha carreira onde se identificam os aprendizados, os desafios, como também os obstáculos para trabalhar a diversidade cultural. É essencial conhecer a realidade de cada um dos sujeitos inseridos neste contexto para que desta forma se consiga realizar as transformações pertinentes para esta faixa etária, pois é nesta fase que acontece o primeiro contato com a leitura e a escrita (BRASIL, 2017). Assim, o educando vai construindo a sua identidade, uma concepção de si mesmo e do mundo, desenvolvendo a alfabetização plena como também a empatia com o diferente. Por isso os recursos didáticos são imprescindíveis e articulam-se com suas experiências de vida.

O ensino fundamental é muito debatido por alguns professores que se engajam nesta luta, pois a falta de materiais didáticos para trabalhar relações étnico-raciais é grave. A busca por recursos alternativos que nem sempre a instituição disponibiliza e as condições de trabalho desestimulam os profissionais que têm consciência e comprometimento com a educação. O suporte mais utilizado é o livro didático, por meio do qual se pode promover o acesso à diversidade. Assim, para muitos professores desestimulados, o conhecimento da cultura afro fica limitado à data específica do dia 20 de novembro, o “Dia da consciência Negra”. E como também há ausência de formações continuadas sobre gênero, raça/etnia, entre outros, os assuntos são debatidos em sigilo, em casos isolados no decorrer do ano letivo.

O racismo, assim, permeia os corredores e salas de aula nas instituições sociais e principalmente nas escolas, que vêm sendo omissas no momento em que

fazem resistência em abordar temas de grande relevância na formação dos docentes. Esses fatores também contribuem para que docentes só trabalhem as relações étnico-raciais como temática uma vez ao ano.

Nesta perspectiva, reconhece-se que a literatura e a formação continuada são propostas que podem oportunizar restabelecer as representações no ambiente educacional para aceitar as diferenças e acolhê-las. Portanto, é importante o profissional da educação apoiar-se nos livros didáticos de história e literários para que seus alunos tenham outras dimensões do mundo, entre passado e presente, e suas diversidades, conforme orienta a BNCC (BRASIL, 2017).

[...] um dos importantes objetivos de História no Ensino Fundamental é estimular a autonomia de pensamento e a capacidade de reconhecer que os indivíduos agem de acordo com a época e o lugar nos quais vivem, de forma a preservar ou transformar seus hábitos e condutas. A percepção de que existe uma grande diversidade de sujeitos e histórias estimula o pensamento crítico, a autonomia e a formação para a cidadania. (BRASIL, 2017, p. 400).

Essas transformações só irão ocorrer se cada um de nós estiver disposto a agir para auxiliar o sistema escolar em prol de uma educação igualitária para todos, e fazermos com que as leis sejam cumpridas.

Esta pesquisa, assim, aborda a inclusão e as ações pedagógicas mediante os livros didáticos de História e literários afrocentrados infantis, os quais são ofertados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), existentes na biblioteca da Instituição X¹. Este programa é destinado a avaliar e disponibilizar materiais de forma regular e sistemática de acordo com as projeções do censo de dois anos anteriores, sendo estes escolhidos para utilização nos anos de 2023 e 2024. E, também, foi realizada uma busca por livros didáticos ou obras literárias afrocentrados oriundos da Instituição Z². Compreende-se, para este trabalho, as leituras afrocentradas como aquelas cuja temática central é ligada às relações étnico-raciais que exaltam a identidade e cultura afro-brasileiras de modo positivo.

Ao lermos os livros didáticos de História escolhidos para trabalhar no ano de 2023 e 2024 observa-se que concentram-se apenas na escravização do negro. E as literaturas afrocentradas infantis disponibilizadas na biblioteca da instituição em

¹ Utilizaremos essa denominação a fim de preservarmos o nome da instituição pesquisada.

² Utilizaremos essa denominação a fim de preservarmos o nome da instituição pesquisada.

análise contêm poucos exemplares. Se a literatura brasileira vem de um histórico de representação negativa das pessoas negras sem aprofundamento de discussões atualizadas sobre o assunto em sua essência, cabe aos professores serem agentes transformadores. Para isso, há a urgência em empoderar os estudantes pretos e pardos, os professores, os gestores e a comunidade escolar através da divulgação do conhecimento e da valorização da cultura afro-brasileira, conduzindo-os a uma verdadeira valorização histórica e reconhecendo que tal cultura traz muitas contribuições para uma sociedade multicultural mais justa.

Portanto, a lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003) insere-se nesta pesquisa como relevante para pensarmos nos desafios que são notáveis na busca pelas mudanças que ainda devem acontecer em prol da educação. Cabe salientar que não se pretende desconsiderar os avanços que até aqui a educação brasileira alcançou, mas destacar a necessidade de reformulação dos parâmetros nos quais pode se basear para gerar transformações no que diz respeito à cultura negra.

De acordo com ROBBINS (1999, p. 407), “é preciso desenvolver uma capacidade contínua de adaptação e mudança”, e é visando a tal capacidade de mudanças que trago sugestões no desenvolvimento do produto para este Mestrado em Memória Social e Bens Culturais, para desconstruir paradigmas e compreender a essência da diversidade. Com o objetivo de contribuir com outros professores, de forma interdisciplinar, promovendo ações e vivências com respeito à diversidade, foi criado, como produto, materiais em forma de *card* digital voltados à cultura afro-brasileira, com indicações de outras obras literárias afrocentradas. Este material indica obras no sentido de contemplar acervos de bibliotecas, como também dimensionar a públicos fora das instituições. Assim, podem elevar, quantificar e qualificar as contribuições do ensino em outras instituições educativas e espaços.

O estudo sobre a história da cultura afro-brasileira é um processo de luta pela superação do racismo e desigualdade, assim as ações pedagógicas diante da Lei 10.639/03 podem ser vistas como uma medida para impulsionar grandes mudanças nas escolas e na sociedade e, desta forma, ampliar os conhecimentos da cultura para que os professores e pedagogos possam vivenciá-las de forma a contribuir com a identidade dos estudantes e comunidade em geral. Sendo o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) uma autarquia “que tem como função executar as políticas públicas educacionais que são elaboradas pelo Ministério da

Educação (MEC)” (SITE GOV.BR, 2014), é também responsável pela execução das ações elaboradas pelo mesmo órgão. Desta forma, articulando o texto às ideias de Candau (2011, p. 108), “[...] o escrito é antes um álibi do que um instrumento para a memória”. Por meio da memória escrita nos conteúdos dos livros pretende-se dar visibilidade e valorização ao patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro contribuindo para que os estudantes reflitam sobre a sua identidade e o seu papel social, tanto na instituição escolar como também na sociedade. Assim, teríamos os fatores histórico, linguístico e psicológico para “despertar o sentimento de continuação, de ligação com a ancestralidade”, assim como criar novas “marcas de identidade” e novas “estruturas sociais comunitárias” (MUNANGA, 2009, p. 11).

O preconceito está muito presente ainda nos dias atuais e para que as pessoas tenham a noção desse pertencimento e se identifiquem como pessoas iguais, buscando construir a sua própria identidade, não importam os traços morfológicos específicos de cada ser humano, como a cor da pele e os cabelos. A escola necessita criar ações coletivas para que possamos “sonhar” com uma sociedade mais justa e igualitária. Sendo assim, delineiam-se o seguinte problema de pesquisa: como construir uma memória de livros afrocentrados como reconhecimento de identidade cultural?, e objetivos: com a pretensão de responder como é apresentada, tratada, concebida a cultura afrobrasileira e africana, no acervo memorial de uma Instituição X e de outra Instituição Z, desde a perspectiva da literatura afrocentrada, este trabalho tem como objetivo geral analisar como é tratada e apresentada a cultura afro-brasileira nas instituições a partir do estudo da literatura afrocentrada. E como objetivos específicos:

1. Mapear o tema afrocentrado da literatura em livros disponíveis nas bibliotecas de duas instituições, X e Z;
2. Atender ao que é solicitado na Lei 10.639, de 9 Janeiro de 2003;
3. Propor atividades no sentido de ressignificar a cultura afro-brasileira em materiais didáticos, valorizando aspectos identitários.

Este trabalho tem relevância social a partir do momento em que se percebe, ao iniciar a caminhada investigativa, que atualmente pouco se fala em cultura afro-brasileira em meu contexto educacional de atuação, e que o que existe de bibliografia afrocentrada é inexpressivo, tanto na Instituição X como na Z, como já afirmado, e como é relatado em detalhes ao longo desta escrita. A partir deste

busca-se elementos e possibilidades dentro da literatura, destacando a importância de incluir a cultura afro-brasileira, desenvolvendo ações pedagógicas que abordem a história e a realidade negra no Brasil dentro das instituições de ensino e outras, desconstruindo paradigmas e promovendo respeito e tolerância à diversidade.

Assim, a metodologia escolhida para se chegar aos objetivos propostos é de abordagem qualitativa, por meio da análise de livros didáticos de História do 3º ano do ensino fundamental e nos livros literários afrocentrados de uma biblioteca, articulando-a a bases teóricas da memória social, da cultura afro-brasileira e da educação.

Então, na próxima seção consta o Memorial da pesquisadora. No capítulo 2 desta dissertação são encontrados o contexto estudado e três revisões teóricas: uma sobre os espaços de cultura e de memória da cidade onde se realizou a pesquisa, outra com um breve relato sobre como foi a busca por obras literárias infantis afro na Instituição Z, da cidade, e a terceira, uma revisão sobre os 20 anos da Lei 10.639/2003. No capítulo 3 constam as bases conceituais desta pesquisa, contando com três revisões - uma sobre o campo da Memória Social, outra com as produções escritas sobre literatura afro-brasileira em dissertações e artigos acadêmicos, e a última sobre representação.

No capítulo 4 constam as análises em torno da cultura e da identidade afro no material empírico selecionado para esta investigação: os cinco livros didáticos de história do FNDE e os quatro livros de contos infantis da biblioteca da Instituição X. No capítulo 5 consta a descrição do caminho metodológico desta dissertação. No capítulo 6 consta a descrição de como foi criado e no que consiste o produto educacional final criado para esta pesquisa. E por último coloco algumas conclusões.

1.1 Superação e Transformação - Memorial

Meu porto seguro, meu filho Lucca.

Como elucidar adequadamente essa análise que realizo sobre minha trajetória, tanto em atividades profissionais quanto na vida acadêmica, na área da

Educação e, mais especificamente, no âmbito das pesquisas como mestranda? Para isso, pretendo seguir uma ordem cronológica dos acontecimentos para dar significados aos fatos, tendo como espaço de reflexão as etapas que se articulam ao longo da minha vida.

Nasci em Camaquã, uma cidade pequena no Rio Grande do Sul, em um bairro de classe popular. Sou de uma família de seis filhos sendo eu a quarta filha, de pais analfabetos. Minha mãe era cozinheira e meu pai agricultor e posteriormente vigilante (aposentado), ambos falecidos. Posso afirmar que meus pais sempre fizeram o impossível para nos manter na escola.

Comecei a trabalhar em casa, não era forçada, mas tinha o dever de contribuir com a minha família, com os afazeres de casa e cuidar das minhas duas irmãs mais jovens, pois meus pais e irmãos mais velhos trabalhavam fora. Comecei a cursar a 1ª série do ensino fundamental com sete anos de idade na E.M. Osvaldo Aranha de 1981 a 1990, então estive por um ano em uma escola na zona rural. Ao concluir o ensino fundamental, foram muitos momentos maravilhosos de aprendizagens e descobertas, onde passei a estudar à noite na mesma escola, pois minhas irmãs já estavam maiores, então podiam ficar em casa sozinhas.

Comecei, então, a trabalhar fora, em um pequeno atacado da cidade. Trabalhar e estudar à noite requeria muita dedicação, pois a jornada de trabalho era exaustiva e a empresa era distante de onde eu morava. Além disso, eu tinha que ir a pé para o trabalho e naquela época não tínhamos carro e nem ônibus que passasse próximo a minha casa. Devido às chegadas sempre atrasadas na escola à noite, tive que parar de estudar, pois meu trabalho não era compatível com os horários de aula. Então, por melhores oportunidades de emprego, fui morar em Porto Alegre com meu irmão recém-casado.

Chegando lá, comecei a trabalhar de ascensorista. Como nunca tinha saído da pequena cidade do interior, era tudo novo em uma cidade grande, estava encantada. Certo tempo depois constituí minha família, fui morar na cidade de Canoas, região metropolitana de Porto Alegre, e, com novas situações de emprego, tive a oportunidade de trabalhar em um escritório de contabilidade. Com horários mais flexíveis, voltei a estudar para concluir o Ensino Médio, e ali me despertou o desejo de conhecer mais sobre a docência, uma área que me encantou por ser

indiscutível a importância social que exerce um professor na vida das pessoas, profissão tão diferente daquela que eu estava exercendo.

Foi um ano de muitas descobertas, aprendizados e sonho em tornar-me docente, quando veio a notícia da gestação do meu primeiro e único filho, que nasceu de cinco meses. Essa experiência única formou e também transformou o ano de 1997, com um filho recém nascido; desse modo, concluí o Ensino Médio. Vale ressaltar que meus professores e colegas me deram total amparo para que eu conseguisse concluir o curso com êxito. E naquele período fiquei um bom tempo sem estudar, pois com filho pequeno precisando de cuidados especiais, o sonho teria de ser adiado por mais algum tempo, pelo fato de que eu queria participar mais da vida dele.

Em 2005 retornei a Camaquã, prestei vestibular em um polo da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e começou, então, a minha caminhada na vida acadêmica com o curso de Licenciatura em Pedagogia. Uma grande alegria tomou conta de mim, passei por muitos anos esperando por esse momento e, enfim, consegui. Depois do entusiasmo inicial passar, então, foi que voltei para a realidade. Cursar uma faculdade depois de tanto tempo sem estudar seria uma fase árdua e de muitas turbulências, mas com muita garra tinha a certeza de que venceria mais aquela etapa.

No decorrer do curso tive meu primeiro contato como docente na condição de substituta na EEEF São Bernardino de Sena, com alunos do EJA, uma turma de alunos da terceira idade. Foi uma experiência muito relevante para minha formação e posteriormente fui contratada, atuando em séries iniciais, cada vez mais me apaixonando pela lógica e entendendo a questão de trabalhar com o aluno, respeitando suas diferenças e dificuldades, entendendo que cada um é um ser único. Nesse viés tive a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos que estava adquirindo no âmbito acadêmico com os educandos. Segundo Penin (2009), compreender uma situação de trabalho é conhecer tanto as condições objetivas quanto as subjetivas nas quais o trabalho é realizado e, ainda, as relações recíprocas entre ambas.

Naquele contexto, os estágios e as substituições me proporcionaram fazer reflexões dentro do que a teoria nos ensina e de que forma deve ser aplicada uma metodologia eficiente em nosso trabalho docente, levando em consideração a

diversidade de vivências, sentimentos e emoções de cada criança, identificando os avanços e os retrocessos e quais as estratégias e intervenções que podem ser realizadas dentro do contexto de cada instituição.

Em 2009 concluí o curso de Licenciatura em Pedagogia, e o aprofundamento nos estudos e as inserções de pesquisas que realizamos no decorrer das aulas contribuíram fundamentalmente para minha formação. Continuei trabalhando por várias escolas, queria continuar buscando aperfeiçoamento e conhecimento na área, então retornei a Porto Alegre, onde comecei um curso de pós-graduação em Alfabetização e Letramento no Centro Universitário Leonardo da Vinci, de 2013 a 2014. No final do ano de 2014, vim morar em Balneário Gaivota-SC, trabalhando como Admissão de professores em Caráter Temporário (ACT), que se realizou entre 2022 e 2023³) entre Prefeitura e Estado de SC, em que as formações continuadas que recebemos são de grande relevância para nosso conhecimento, porém precisam ser aprimoradas para ampliar nossos saberes e as nossas práticas pedagógicas.

Desta forma, já há algum tempo tinha o desejo de ingressar no curso de mestrado, mas devido a vários fatores, isso se retardou. Em 2022, mais uma evolução na minha trajetória de vida: ingressei no curso de Mestrado no PPG em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade LA SALLE, na Linha de Pesquisa Memória e Linguagens Culturais, com o tema “A contribuição da Literatura na Construção Identitária e da Representação da Cultura Afro-brasileira”. Com essa formação em andamento, estou aprendendo o verdadeiro sentido de uma pesquisa. Os aprendizados científicos compartilhados no âmbito acadêmico nos preparam para termos um desenvolvimento crítico-reflexivo da práxis educacional. O sentido do trabalho para mim é dar uma essência ao que fazemos com dedicação que, segundo Albornoz (2004, p.11):

Todo trabalho supõe tendência para um fim e esforço. Para alguns trabalhos, este esforço será preponderantemente físico; para outros, preponderantemente intelectual. Contudo, parece míope e interesseira esta classificação que divide trabalho intelectual e trabalho corporal.

³ Após a conclusão deste contrato o servidor permanece desempregado até conseguir ocupar uma nova vaga em outra instituição.

Desta forma, seria improvável ter um respaldo gratificante em minha vida sem o trabalho que, através deste panorama redigido, vem sendo de superações, no qual o meu amparo e a minha base familiar (meu filho Lucca) me instigam para continuar nesta profissão tão maravilhosa que é ser docente. Trabalhar e continuar em busca de novos conhecimentos com esta pós-graduação nos transforma perante a sociedade, como também nos dá elementos à nossa própria representação enquanto indivíduos únicos, constituintes da nossa própria história.

Superação é o que vem me transformando a cada dia.

2 O CONTEXTO ESTUDADO

Toda instituição deve priorizar uma educação inclusiva através de ações e vivências com respeito à diversidade, compreendendo-a como um direito humano fundamental e base para uma sociedade mais justa e solidária. É um espaço de inclusão que tem compromisso claro com o conhecimento organizado e acumulado. A diversidade, entendida como enriquecimento, possibilidade, processo de construção, é própria dos seres humanos. É o tema que se impõe para que possamos construir uma escola pautada no direito à educação e no direito à diferença e na formação integral do sujeito.

Dentre esses direitos, entendemos o acesso aos livros como parte principal de uma educação inclusiva e de qualidade, por isso, este trabalho prioriza a análise dos livros de instituições de ensino. Observamos que os livros estão classificados por turmas. Então, esta pesquisa foi realizada a partir da análise de cinco exemplares de livros didáticos de história dos anos de 2023 e 2024, do 3º ano do ensino fundamental de uma Instituição X - do FNDL. E, dos 900 livros de contos infantis direcionados ao 3º ano do ensino fundamental encontrados na biblioteca da Instituição X, apenas 0.6%, ou seja, cinco deles são direcionados à literatura afrocentrada, e estes foram os exemplares analisados.

Meu propósito é compreender a forma como a cultura afro-brasileira é representada e mencionada nessas obras. Estes livros apresentam poucas páginas contextualizando a escravização ou a cultura na África, e será que é somente esta forma que devemos passar para nossos alunos, como uma cultura de “sofrimento”? Buscando compreender a vasta importância cultural e tão pouco mencionada em algumas instituições, busquei também pesquisar quantos e quais são os livros literários infantis afrocentrados existentes na Instituição Z para alunos de 3º ano do ensino fundamental sobre a cultura afro-brasileira. Manter a memória cultural de um povo com grandes sabedorias nos faz refletir um pouco mais sobre o que está sendo produzido para os docentes utilizarem em sala de aula. A base para o fortalecimento está na aceitação de si próprios como pessoas negras e, acima de tudo, ter a compreensão de que não será o tom de pele que irá definir uma pessoa em uma sociedade, e que todos deveriam ser reconhecidos e respeitados

independentemente disso. De acordo com este panorama, no entanto, as literaturas afrocentradas encontradas apresentam uma visibilidade quase inexistente.

Considera-se por literatura afrocentrada produções escritas com protagonistas negros representando a subjetividade, a ancestralidade, a história e a cultura. São narrativas representando o passado, o presente e o futuro dos povos africanos, valorizando sua identidade. Essa representatividade nas ilustrações e na escrita se tornam recursos fundamentais nas práticas pedagógicas, oportunizando a imersão nessa cultura e também valorizando a autoestima dos negros, permitindo uma reflexão sólida e corroborando o pensar afrocêntrico.

De acordo com Djamila Ribeiro

A importância de estudar autores negros não se baseia numa visão essencialista, ou seja, na crença de que devem ser lidos apenas por serem negros. A questão é que é irrealista que numa sociedade como a nossa, de maioria negra, somente um grupo domine a formulação do saber. (RIBEIRO, 2019, p. 24).

As narrativas afrocentradas não são essenciais somente aos negros, mas como também a todas as etnias, uma vez que eles estão imersos nas contribuições que a cultura afro-brasileira traz para a sociedade.

A escolha dos livros didáticos ofertados pelo FNDE é realizada através da internet, no site <https://pnlddigital.fnde.gov.br/login>. Então, no ano que antecede a entrega, todos os gestores devem estar cadastrados para realizarem as escolhas. Em meados do mês de agosto do ano anterior chegam às instituições alguns exemplares para serem feitas essas escolhas pelos professores, e a escola deve apresentar duas opções das obras. No entanto, o recebimento da obra escolhida irá depender da escolha realizada pela maioria das instituições da região, logo, o exemplar que mais foi selecionado será o que chegará para a escola. Desta forma, não necessariamente o que foi escolhido será o que vai chegar para podermos trabalhar com os alunos, como também pode haver oscilações entre a quantidade de exemplares e o número de alunos matriculados.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é uma ação do governo federal que ao longo dos anos foi se aperfeiçoando e teve diferentes nomes e formas de execução, mas em 1985 deu lugar ao Programa Nacional do Livro Didático, com a edição do Decreto nº 91.542, de 19/8/85, que trouxe muitas mudanças. O intuito da iniciativa é avaliar e distribuir exemplares didáticos pedagógicos, entre outros

materiais de apoio, de forma gratuita e sem fins lucrativos, para instituições públicas de educação básica, instituições filantrópicas ou confessionais conveniadas com o poder público. As escolas que manifestam seu interesse devem encaminhar um termo de adesão ao FNDE e ao MEC para receber os materiais que podem contribuir para a formação de leitores críticos e criativos. Conforme a lei 10.639/03, o PNLD deve garantir, em suas obras, a abordagem das relações étnico-raciais de forma crítica, contextualizada e diversificada, respeitando a pluralidade, a identidade e a cidadania. A oferta dos materiais pedagógicos e literários deve valorizar as manifestações artísticas, religiosas, linguísticas e sociais. Portanto, deveria ser um programa que tem o dever de contribuir para a educação das relações étnico-raciais e para o reconhecimento e a valorização da cultura afro-brasileira.

Neste sentido, a proposta do Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – Lei 10.639/2003 (BRASIL, S/D; BRASIL, 2008, p. 33) afirma a necessidade de promoção positiva da imagem do negro na busca por uma sociedade antirracista. E isto também está previsto no Edital PNLD de 2010 (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010):

Os princípios e critérios estabelecidos no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) definem que, quanto à construção de uma sociedade cidadã, os livros deverão: promover positivamente a imagem de afro-descendentes e, também, a cultura afro-brasileira dando visibilidade aos seus valores, tradições, organizações e saberes sociocientíficos. Para tanto, os livros destinados a professores(as) e alunos(as) devem abordar a temática das relações étnico-raciais, do preconceito, da discriminação racial e da violência correlata, visando à construção de uma sociedade antirracista, justa e igualitária (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 29).

Portanto, ainda que alguns exemplares de obras literárias não contenham o aprofundamento necessário da cultura afro-brasileira, busca-se repensar com novos olhares para propor mudanças em suas bases teóricas de conteúdos.

2.1 Contextualização do local/instituição/município

Para contextualizar esta investigação, no dia 23 de maio de 2022 entrevistei o Secretário da Cultura, coletando informações sobre a cultura do município. Sua fala tem duração de aproximadamente 30 minutos. Compreende-se a entrevista como um método que aborda impressões e sentimentos dos participantes (GIL, 2010). No entanto, optou-se por não mostrar nem analisar suas respostas, visto que sua administração é muito recente e por isso não tinha as informações que eu estava pedindo. Com base nisto é importante registrar que esta trajetória de investigação encontrou muitos silenciamentos e apagamentos, à medida que “para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta” (POLLAK, 1989, p. 6). E, claramente, ao deparar-me com esta situação, percebo que é difícil encontrar este espaço de escuta para colocar em ação as estratégias que poderiam auxiliar diferentes agentes no processo de criar uma cultura antirracista.

Segundo o secretário, a Secretaria de Cultura foi fundada em 2019, pois antes era somente um balneário e trata-se de um município pequeno, localizado no extremo Sul Catarinense, pertencente à Microrregião do Vale do Araranguá. Devido à ocupação do litoral ter sido muito grande em 1990 ocorreu a promulgação da lei nº 770, criando o distrito de Balneário Gaivota. Após esse ato houve mais interesse da população local pela emancipação do então distrito de Sombrio. Em 1995, o Governador de Santa Catarina sancionou a lei nº 10.054, criando o município de Balneário Gaivota, hoje com uma população estimada em 11.537 habitantes, e que possui aproximadamente 23 quilômetros de praia e 15 lagoas. Com o turismo em foco, o município é conhecido por suas belas passarelas que dão acesso ao mar, uma grande extensão de calçadão muito bem cuidado, onde turistas e moradores podem praticar atividades físicas e ciclismo. Todas essas belezas tornam o município cada vez mais visitado por moradores do Rio Grande do Sul e de outras cidades e estados. E é visando um número cada vez maior dessas visitas que o portal de turismo da cidade mostra, por exemplo, as imagens 1 e 2, no portal da prefeitura.

Imagens 1 e 2 - A cidade de Balneário Gaivota/SC



Fonte: PORTAL DE TURISMO DE BALNEÁRIO GAIVOTA⁴

A economia da cidade tem como base o setor da administração pública. O município abriga micro e pequenas empresas que fazem girar a economia. Desta forma, a maioria dos moradores trabalha na administração pública (saúde e educação) e nos comércios locais, sendo que a cidade vizinha de Sombrio emprega muitos de nossos moradores, pois há mais oferta de emprego. Destaques do município são as duas escolas municipais de Ensino Fundamental I e II, duas escolas estaduais, CEIs (Centros de Educação Infantil) - e uma escola filantrópica. A Secretaria da Cultura do município foi criada em 2019, pois antes era somente

⁴ Disponível em: turismo.balneariogaivota.sc.gov.br. Acesso em: 08 fev. 2024.

departamento da secretaria de educação, então percebe-se, por ser muito recente a administração, a dificuldade em coletar informações sobre a cultura do município. Por isso, o secretário disponibilizou um livro com informações sobre a cidade (PEREIRA, 2004).

A cidade oferece serviços de hotelaria, bares, restaurantes, praças, academias ao ar livre, shows de artistas sertanejos; e geralmente os grandes eventos são os realizados em um sítio com parceria da prefeitura, com artesãos locais que hoje ganharam um espaço para a venda de seus produtos no calçadão, a pesca, o desfile das escolas de samba no carnaval e o evento recentemente criado que “foi um sucesso” - o Natal Dunas Encantado.

Destaco os bens simbólicos mais presentes no município, que são a festa junina das escolas, onde toda comunidade participa, o carnaval e a procissão da festa de São Sebastião que ocorre em 20 de Janeiro, na qual os fiéis manifestam sua religiosidade a partir de bênçãos alcançadas.

2.2 A perspectiva de espaços de cultura e de memória sobre a cultura afro em Balneário Gaivota-SC

Ao realizarmos estudos sobre memória, podemos analisar sob vários enfoques e maneiras de se organizarem as memórias que possam agrupar-se em torno de uma pessoa definida, memórias individuais e, se o quisermos, memórias coletivas. No entanto, se realizarmos uma busca pelos termos “população negra em Balneário Gaivota” na internet, não são encontrados dados do último Censo, realizado em 2022. Os dados disponibilizados informam a população no último censo, que é de 15.669 pessoas, e a densidade demográfica, de 106,71 habitantes por quilômetro quadrado (IBGE, 2022)⁵, mas não informam, no link pesquisado, os dados da população negra e/ou parda. Ou seja, neste caso não é propício a estes sujeitos criarem suas memórias coletivas, as quais só podem existir em sua união com os semelhantes e que partilham das mesmas lembranças e dos mesmos eventos (HALBWACHS, 2006). Uma notícia veiculada em 22 de dezembro de 2023, pelo site www.4oito.com.br mostra, no entanto, que o “Censo Demográfico 2022:

⁵ Fonte disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/balneario-gaivota/panorama>. Acesso em: 09 fev. 2024.

Identificação étnico-racial da população, por sexo e idade: Resultados do universo”, divulgados pelo IBGE” registrou que, de aproximadamente 56 mil habitantes passou para quase 124 mil, ou seja, um aumento de 123% entre os anos de 2010 e 2022, sendo este o grupo étnico-racial que mais ganhou habitantes da região no período⁶. Os dados então podem ser acessados no site <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>, sendo necessário apenas digitar o nome da cidade a ser consultada.

Destaca-se, então, o carnaval como memória histórica, uma das primeiras celebrações a dar visibilidade à cultura afro-brasileira e atualmente se deparando com desafios de manter a espontaneidade diante da mídia, conforme mostrado nas imagens 3 e 4, abaixo, também retiradas no portal de turismo do município. O carnaval é um reflexo das muitas referências culturais dos povos que chegaram ao Brasil, a ponto de se tornar um produto, e por isso é interessante ser mantido. As festividades carnavalescas importadas da Europa contam com a dança e participações essencialmente de mulheres negras no seu estabelecimento no Brasil. Ainda assim, a cultura negra se mantém viva e ativa nas celebrações, como uma possibilidade de enxergar positivamente e ter orgulho de si e das suas origens.

Os negros já conseguiram muitos avanços; e embora melhorem suas condições de vida, políticas que ignoram a questão racial não ajudam a superar a expressão real do preconceito e da discriminação. O mesmo se dá no acesso à saúde ou no aproveitamento das oportunidades educacionais. Na área da educação, por exemplo, é possível comemorar as reduções das diferenças entre negros e brancos em relação ao número de anos de estudo formal ou nos índices de analfabetismo (IPEA, s/d).

⁶ Fonte: <https://www.4oito.com.br/noticia/populacao-que-se-declara-parda-cresce-123-no-sul-de-sc-72771>.

Imagens 3 e 4 - As festas da cidade



Fonte: PORTAL DE TURISMO DE BALNEÁRIO GAIVOTA⁷

O estudo sobre a história e cultura Afro-Brasileira e Africana também insere um processo de luta pela superação do racismo e desigualdade, assim as ações pedagógicas diante da Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003), que versa sobre o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana, ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. Munanga (2009, p. 54) afirma que:

⁷ Disponível em: turismo.balneariogaivota.sc.gov.br. Acesso em: 08 fev. 2024.

[...] o pensamento africano moderno põe claramente em evidência todo esse esforço centrado na valorização do passado e na vontade de construir ideologias baseadas na reconquista de identidade, fazendo história como sujeito dela.

Em se tratando de identidades, povos e cores, todas essas conquistas dos movimentos negros são em busca de um espaço social igualitário para todos, um espaço de cura onde suas culturas, crenças, fenótipos e valores sejam respeitados. Munanga (2009) então mostra que todo esse processo de mudanças culturais e sociais de um novo viver em sociedade só será possível se nós formos os sujeitos de transformação. A pós-modernidade negra se reinventa de acordo com interesses da sociedade, que são muitos e variados, marcados pela valorização do conhecimento e da indiferença, pela crise do trabalho e dos sistemas produtivos, pelo enfraquecimento da história que está em toda parte da cultura narcisista em massa. Emergem novas formas de vida baseando-se em que os indivíduos como seres isolados e autônomos devem buscar sua realização pessoal, acima de tudo, com o pluriculturalismo a fim de que nós possamos manifestar nossos interesses por aquilo que valorizamos de todas as formas de culturas e movimentos.

2.3 Balneário Gaivota – Sua Terra... Sua Gente...

O livro, de mesmo título desta seção, foi escrito por Adélia Garcia Pereira (2004), tem fotos de Arthur Luiz e Silva Souza da Silva Tavares e Osmar Freitas, contém 107 páginas e conta a história do município. É uma pesquisa bibliográfica realizada por meio de entrevistas com moradores residentes nas comunidades, assim como do conhecimento da autora, também moradora do município. A história conta que na década de 1920 uma família de pescadores, a de Gildo Coelho, atraída pelas belezas naturais do lugar, fixou residência às margens do arroio (onde atualmente é o centro de Balneário Gaivota). Era uma vida simples onde viviam da pesca, indo à cidade vizinha de Sombrio para vender seus peixes e, com o dinheiro ganho, comprar seus mantimentos. Criavam porcos, galinhas e gado.

Começou assim com a comunidade de pescadores que chegavam e iam permanecendo, e devido a inúmeras gaivotas o lugar passou a ser chamado de Praia da Gaivota. Com o passar dos anos, famílias começaram a fixar residência e a população foi aumentando. No dia 30 de agosto de 1990 criou-se o distrito de

Gaivota, através da lei nº 770, mas em 29 de dezembro de 1995, através da lei nº 10.054, ocorreu o desmembramento do município de Sombrio e a localidade começou a ser chamada oficialmente de Balneário Gaivota. O clima da cidade é subtropical atlântico e em 2004 os moradores foram atingidos pelo fenômeno Catarina, que causou pânico geral devido à destruição de grande parte da cidade.

Pereira (2004) conta que no município há sete lagoas que embelezam a cidade e atraem turistas de todas as regiões. A economia da cidade é baseada no comércio local, no turismo, nas indústrias de madeiras, confecções, na pesca, na agricultura e no serviço público. Devido ao crescimento do município e à falta de emprego, moradores passaram a se deslocar para cidades vizinhas em busca de melhores oportunidades, porém muitos contam com uma dificuldade grande, que é o transporte coletivo que trafega de hora em hora e tem horários fixos. Então, os trabalhadores dependem de outros meios de transporte para irem trabalhar. Segundo a autora, a cultura do povo gaivotense é influenciada pelos açorianos, onde se mantêm os costumes como boi-de-mamão, farra do boi, farinhada e seus “produtos”, danças açorianas. E em relação à religiosidade, 94% da população é católica apostólica romana e os demais 6% professam outras religiões.

A obra destaca em um capítulo a contribuição indígena à cultura gaivotense, mas relata não haver traços da cultura indígena atualmente na cidade, ressaltando que dos brancos açorianos muitos dos costumes adquiridos foram dos indígenas, mas com o passar do tempo foram se transformando e adaptados para seus descendentes. É importante destacar, sobre este ponto, um relato (PEREIRA, 2004, p. 15):

Neste longo período em que os índios foram os únicos habitantes desta região, as relações do homem com a natureza eram de respeito e de uso racional dos recursos naturais, retirando da natureza apenas o necessário para a sobrevivência do grupo.

Desta forma observa-se que, ao contrário do que a autora relata, que há grandes contribuições dos indígenas nesta região, que vão muito além das palavras escritas. A memória da cultura dos “índios”⁸, como a autora coloca, permanece, porém está também sendo silenciada e invisibilizada.

⁸ Em meados da década de 80 o termo “índio” foi apropriado por lideranças do movimento indígena brasileiro e utilizado como elemento de representação política e aglutinador de identidades étnicas

E continua, relatando que “a população de “Balneário Gaivota é composta, por sua grande maioria, por brancos descendentes de açorianos, porém várias outras etnias, especialmente italianos e alemães que já se encontram formando o nosso povo” (PEREIRA, 2004, p. 67). Daí então podemos tecer alguns questionamentos: onde se encontram as histórias das riquezas culturais e identitárias dos indígenas e dos negros na história contada por esta autora? Então não existem mais indígenas e negros nesta cidade?⁹ Nota-se então um profundo desconhecimento histórico deste lugar que iniciou com pescadores, ou seja, com uma população, claramente, social e culturalmente discriminada, visto que são citados mas não valorizados por serem os fundadores da cidade. Então quem irá valorizar a presença da cultura negra? Colocando-se em perspectiva as crenças brancocêntricas que permeiam o imaginário local, percebe-se que as suas marcas históricas estão recheadas de memórias de colonizadores, enquanto as pessoas negras e indígenas são apagadas desta história.

Em relação à educação os dados são desatualizados, pois a referida obra tem 20 anos, então só confirma a existência de poucas instituições escolares na época. E sobre o meio rural, a autora relata que muitas comunidades faziam parte de Balneário Gaivota, são as seguintes: Palmeira, Estiva dos Rodrigues, Areias Claras, Figueirinha, Lagoinha, Rio Novo, Anita Garibaldi e a Rua Nova – das quais algumas não existem mais ou trocaram de nome. A grande maioria de seus habitantes vivia da terra com a agricultura, a pecuária, a indústria de madeira, a criação de aves e abelhas, entre outros.

As comemorações religiosas, de acordo com a autora, eram destaque da cidade, como a festa de São Sebastião, a Festa de Nossa Senhora do Parto e a Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes. E das comemorações populares e folclóricas, são destacadas a Cavalgada dos Santos Reis, a Festa do Havaí, a Festa de Iemanjá, o Boi-de-Mamão, o Desfile de 7 de Setembro, a Festa da Emancipação, o Rodeio Crioulo Nacional, a Moto Náutica, a Arrancada de Fuscas e Motos, o Campeonato de Surf e o Campeonato de Pesca e Arremesso.

distintas, mas que compactuavam uma mesma cosmovisão e uma situação subalternizada na sociedade brasileira. (Fonte: ROSA, Francis Mary Soares Correia da. A invenção do índio. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 257-277, jul./dez. 2015). Assim, passou a denominar-se como “ingígena” e não mais “índio”.

⁹ Retomo aqui a discussão iniciada na seção anterior, sobre que os dados populacionais da cidade não informam os números das comunidades negra e indígena (ou parda). Por quê?

Percebe-se que em parte alguma na obra é abordada a cultura afro-brasileira, assim como em muitos registros que foram buscados sobre o município. É pertinente então observar a relevância desses aspectos para a formação de uma sociedade em que há lacunas importantes a serem narradas e questionadas para promover uma conscientização sobre a diversidade. A riqueza da história da cidade é moldada por diversas influências culturais, e a inclusão dessas perspectivas enriqueceria nossa compreensão do passado e do presente.

2.4 Obras literárias infantis afrocentradas na Instituição Z da cidade

Foi realizado, além de um estudo sobre a literatura indicada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para uma Instituição X, e de um estudo sobre as obras da biblioteca da mesma instituição, que são analisadas no capítulo 4, um terceiro mapeamento sobre quantas obras literárias afro-brasileiras e/ou literaturas afrocentradas infantis existem atualmente em uma Instituição Z. Esta foi inaugurada em 29 de Março do ano de 2007, passando por diversos endereços, e hoje fica localizada na região central da cidade. É uma casa de dois pavimentos onde na sala fica a recepção com um atendente e uma mesa com as obras mais recentes, e passando por uma sala menor com uma janela ficam algumas mesas com computadores, os quais não possuem o acesso às obras, pois ainda não estão catalogados no sistema. Alguns livros estão em caixas no chão e o restante dos livros destinados a pesquisas ficam na garagem, um local sem ventilação.

As perguntas realizadas ao auxiliar de biblioteca foram respondidas de forma superficial. Ao ser questionado sobre livros afro-brasileiros que poderiam constar no local, me conduziu até a garagem respondendo que os livros que tinham disponíveis eram de literatura portuguesa, alemã, francesa, italiana, estadunidense e poesias. Estes livros estavam com identificação e havia outra estante com livros diversos, onde informou que eu poderia procurar para ver se encontrava o que estava buscando. Detive-me primeiro nos livros com identificação procurando observá-los nas prateleiras, porém intensifiquei a pesquisa nos diversos e encontrei uma obra: *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais* (MINISTÉRIO

DA EDUCAÇÃO, 2006), publicada pela SECAD. O sumário apresenta as orientações e ações para ensino fundamental I, ensino fundamental II, ensino médio, educação quilombola e, por fim, pesquisas e ações na formação de professores direcionando algumas atividades para todos esses níveis com diversas temáticas. O livro disponibilizado dá sugestões de práticas educativas visando à mudança do processo educacional brasileiro.

Observando esta obra notei que contém grandes contribuições para a cultura afro-brasileira, porém reconheço que existem outros documentos e literaturas atualizados e a instituição poderia ampliar seu acervo bibliográfico. Depois, foram vistas algumas obras de Machado de Assis - Dom Casmurro, Brás Cubas, Ressurreição, O Alienista, Quincas Borba, entre outros. No entanto, não desmerecendo a importância de Machado de Assis, obviamente, a investigação estava direcionada a literaturas afro-brasileiras e literaturas afrocentradas atuais que contribuíssem com a formação do indivíduo negro e o fortalecimento da cultura afro-brasileira nas salas de aulas das escolas, o que não foi encontrado.

A lei nº12.288/2010 (BRASIL, 2010, s/p), conhecida como Estatuto da Igualdade Racial, dispõe, no Art. 1º, II:

II - desigualdade racial: toda situação injustificada de diferenciação de acesso fruição de bens, serviços e oportunidades, nas esferas pública e privada, em virtude de raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica; destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.

Com base nesta investigação, então, percebe-se que os serviços prestados à comunidade pela referida instituição, que deveria ter o compromisso com a democratização viabilizando informações nos seus acervos sendo um espaço de educação e cultura, não estão de acordo com a lei nº 12.288/2010, pois a invisibilidade à diversidade e à cultura negra das obras encontradas demonstra o descaso com a população negra e a falta de comprometimento e democratização, tais como o despreparo de seus funcionários ao serem abordados por temas diferentes do seu cotidiano embranquecido.

2.5 Os 21 Anos da Lei 10.639 de 09 de janeiro 2003

A lei 10.639/03 tornou-se um marco após 21 anos, porém ainda torna-se desafiador seu estudo, pelos tantos percalços que se apresentam ao tratar da temática negra em alguns contextos. Há uma proposição anterior a esta lei, o Projeto de Lei (PL) nº1332/1983 (BRASIL, 1983), de Abdias do Nascimento; assim como o PL nº678/1988 (BRASIL, 1988); o PL nº3621/1993 (BRASIL, 2010); o PL nº 859/1995 e o PL nº 259/1995 (CÂMARA DOS DEPUTADOS - SITE, s/d), da Constituição Federal de 1988. Esses documentos contribuíram, de alguma forma, para os movimento social negro no sentido de uma educação antirracista.

Ementa

Dispõe sobre ação compensatória, visando a implementação do princípio da isonomia social do negro, em relação aos demais segmentos étnicos da população brasileira, conforme direito assegurado pelo artigo 153, parágrafo primeiro, da constituição da república. (BRASIL, 1983, s/p).

O Deputado Abdias do Nascimento propôs, na câmara dos deputados, os projetos de lei que estabeleciam medidas compensatórias para a “implementação do princípio da isonomia social do negro” (BRASIL, 1983, s/p), com ações afirmativas onde ele já clamava por cotas nas universidades, por servidores públicos federais, da representação no Itamarati, questões de gênero, entre outras séries de propostas legislativas. Uma democracia racial regulamentada pela lei garantindo as relações étnico-raciais nas instituições e no contexto social. A partir destes documentos houve avanços para que o movimento social negro se solidificasse em prol das questões raciais.

Vale salientar que, a partir dos anos 80, as reivindicações dos movimentos negros por igualdade racial e fim do racismo, podem ter sido determinantes para as revoluções que aconteceram vinte anos depois, e com isso dando origem a outras categorias de leis em análise. Então foi promulgada a lei 10.639/03 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/1996 (BRASIL, 1996) e estabeleceu o ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira nas instituições de ensino fundamental e médio nas redes públicas e privadas. Posteriormente, a legislação foi complementada pela lei 11.645/08 (BRASIL, 2008) incluindo a História e a Cultura Indígena, e nesse contexto, abriu um leque de ações como a Resolução

CNE/CP 1/2004 (BRASIL, 2004), que define as Diretrizes e Bases Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana, fundamentada no Parecer CNE/CP 3/2004 (PEREIRA MOTA, M.E.; SANTOS CRUZ, 2023).

Neste sentido, Silva (2011, p. 31) afirma que:

[...] transformar as representações sociais significa transformar os processos de formação de conduta em relação ao outro representado, bem como as relações com esse outro, porque na medida em que essas representações não apresentarem objetos de recalque e inferiorização desse outro, a percepção inicial e o conceito resultante dessa percepção, em nossa consciência, terá grande aproximação com o real [...].

Essas representações sociais mobilizaram um marco da história transformando e gerando discussões fortíssimas, assim como também a lei é o próprio resultado de vários movimentos negros e políticas públicas existentes que vêm sendo discutidas até hoje através de ações afirmativas. O artigo de Mota e Cruz (2023) nos expõe a ineficácia da lei 10.639/03 em instituições escolares após 20 anos de sua implementação. Os autores fazem uma análise documental sobre a lei 10.639/03 apontando alguns entraves que necessitam ser superados após 20 anos da mesma, sendo um dos quais os livros didáticos, que são os pioneiros em estudos científicos, assim como também a forma com que as instituições abordam as questões étnico-raciais.

Costa (2021) evidenciou a presença tímida de obras que abordam temáticas étnico-raciais no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic) e a necessidade de atenção e aprofundamentos de políticas que visem à efetivação da legislação que promove a igualdade étnico-racial no país. Buscou analisar a importância da literatura no processo de alfabetização e formação para a cidadania de estudantes do ciclo inicial de alfabetização. Concluiu que as Caixas de Leitura do Pnaic são constituídas de 6 acervos, totalizando 210 obras, das quais, apenas 5 contemplam a temática da cultura afro-brasileira e africana, evidenciando que essa quantidade inexpressiva de obras dificulta o acesso de professores e alunos para a relação da diversidade cultural. (MOTA; CRUZ, 2023, p. 12).

Apoiada nesses autores, compreendo que a lei é o ponto de partida para termos práticas antirracistas no nosso cotidiano e um universo de transformações da realidade política, moral, econômica e social do negro que busca mais oportunidades, além de outros benefícios. Mas ainda há muito a ser conquistado, como fortalecer a consciência de cada ser, lutar para que as instituições criem

políticas educacionais de formação continuada para professores e não limitar a uma temática somente no dia 20 de Novembro, Dia da Consciência Negra¹⁰. Por que não pensar em uma formação antirracista a partir da transversalização das relações étnico-raciais no currículo? Por que não criar projetos interdisciplinares que envolvam áreas as mais diversas, como a pedagogia por projetos, por exemplo? Também, para que as edições de livros didáticos sejam eficazes, pois são de grande relevância na prática docente e precisam ser reformulados. E mais, formar cidadãos conscientes, sejam eles negros ou brancos. Ainda que a lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) não tenha contemplado todas as reivindicações de luta no decorrer da história, fazer parte do processo é sim uma luta pela valorização das nossas raízes africanas.

Para esta análise percebo, então, que tais documentos fortaleceram as lutas dos movimentos negros, garantindo as relações étnico-raciais, mas isso ainda não é suficiente. Há falhas e a invisibilidade permanece nos livros didáticos e nas instituições. Diante de todos esses cenários observados, a fim de dar continuidade à pesquisa e às reflexões que suscita, a seção a seguir discute questões teóricas pertinentes ao tema abordado.

¹⁰ Destaca-se que não é a pretensão desta pesquisa diminuir ou tirar a importância do Dia 20 de Novembro no trabalho da Consciência Negra nas escolas. Mas, ao contrário, sugere-se que as discussões pertinentes a esta data ampliem-se para mais de um dia, sendo esses alunos educados para ações antirracistas diariamente.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Como já referido anteriormente, a metodologia escolhida para se chegar aos objetivos propostos neste trabalho é a abordagem qualitativa. Independente da escolha de inicialmente realizar uma ou mais entrevistas, o que não se concretizou, já havia escolhido realizar a análise teórica de livros didáticos de História do ensino fundamental e nos livros literários afrocentrados de uma biblioteca, articulando-a a bases teóricas da memória social, da cultura afro-brasileira e da educação. As análises bibliográficas realizadas para a pesquisa possibilitaram mais aprofundamento. Conforme Severino (2007, p. 122):

[...] a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos como livros, artigos, teses, etc.. [...] Utiliza-se de dados ou categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. [...] Os textos tornam-se fontes de temas a serem pesquisados. [...] O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes nos textos.

Também, apoio-me em Gil (2010, p. 44), quando afirma que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” No caso desta dissertação foram realizadas leituras e revisões bibliográficas a partir de dissertações e artigos sobre literatura afro-brasileira, assim como de autores do campo da memória social e outros que discutem conceitos como *cultura, identidade e representação*.

Gil (2005, p. 50) afirma que

a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre a população ou renda per capita; todavia, se tem à sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários.

É importante frisar que, conforme Marconi e Lakatos (2003, p. 138): “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo

assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. Assim como defendem esses autores, saliento que esta abordagem metodológica colocou-me, como pesquisadora, “em contato direto com tudo o que foi escrito, dito [...]” (MARCONI E LAKATOS, 2003, p. 183) sobre o assunto investigado.

Depois de um levantamento para escolher quais obras seriam analisadas para este trabalho, procedeu-se organizando-as em um quadro cruzando os dados dos autores, o ano e a página de onde foi selecionado um excerto do livro sobre o tema afro. Após uma descrição de cada obra, procedeu-se com as análises teóricas. Foram criadas categorias de análise que pudessem reunir em um mesmo grupo as semelhanças entre as obras discutidas. Para analisar os cinco livros didáticos de história as categorias criadas e a distribuição das obras foram 1. Memórias subterrâneas - uma obra, 2. Estereótipos e fetichismo - uma obra, 3. Cultura negro africana - duas obras e 4. Consciência histórica - uma obra. E para analisar os livros de contos infantis as categorias criadas e a distribuição das obras foram 1. Representação positiva - três obras e 2. Pistas para discussão - uma obra.

Durante o curso desta pesquisa diversos obstáculos foram enfrentados, desafiando não apenas a execução da metodologia, mas também a minha capacidade de adaptação e resiliência diante de circunstâncias adversas. Na escola onde atuei no ano de 2023, na qual foi inicialmente desenvolvida a pesquisa, no momento em que solicitei a divulgação do nome da instituição tive a negação, pois por se tratar de um “tema polêmico”, poderia trazer “problemas” para a escola. Então optei em retirar do trabalho o PPP da instituição e quaisquer outras fontes vinculadas ao seu nome.

Minha experiência como pesquisadora teve valiosas lições que emergiram desses desafios, destacando as estratégias desenvolvidas para superá-las e as reflexões resultantes sobre o processo de pesquisa e o contexto em que se insere. É crucial reconhecer que o contexto em que essa pesquisa foi realizada é permeada por desafios sociais significativos, incluindo questões relacionadas ao racismo e à discriminação racial. Como residente nesta região, testemunhei em primeira mão as complexidades e as consequências do preconceito racial em diversos aspectos da vida cotidiana.

Em relação aos cards e a divulgação feita nas redes sociais, acompanhei por um período as interações, as curtidas e os comentários dos sujeitos que demonstraram interesse pelo assunto e após esse período concluo que as estratégias metodológicas foram gratificantes para a pesquisa, legitimando a operacionalidade e a eficácia do produto.

No próximo capítulo explica-se como foi criado e desenvolvido o produto educacional proposto para este trabalho.

4 A CULTURA AFRO EM ARTICULAÇÃO COM A MEMÓRIA SOCIAL, A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E A REPRESENTAÇÃO: BASES CONCEITUAIS

Visto que a escola é um espaço de memória, esta investigação sobre a memória social de como os negros são representados nos livros didáticos será centrada em valorizar essa memória nas escolas. Esse estudo é também um processo de luta pela superação do racismo e da desigualdade, assim, as ações pedagógicas diante da Lei 10.639/03 podem ser vistas como uma medida para impulsionar grandes mudanças nas escolas e na sociedade, ampliando os conhecimentos da cultura afro-brasileira para os professores pedagogos, estudantes e comunidade em geral. Vislumbrando como um espaço onde memória social e memória individual vão se interligando, tendo em vista que existem barreiras que precisam ser desfeitas em relação à cultura e à identidade negra: “[...] as identidades devem ser analisadas historicamente, também elas sofrem a ação do tempo e das mudanças de interpretação daqueles que lhe dão vida” (BITTENCOURT, 2018, p. 155).

Neste sentido, a literatura será um agente de reflexão, transformação e empoderamento em cada indivíduo, isto é, estudante, em especial, os de etnia negra. Para que isso se torne possível, os professores serão construtores deste processo. Para Assmann (2011, p. 9) a memória “reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro”. Esses conflitos entre passado e futuro irão enriquecer nossas práticas pedagógicas dentro do contexto escolar. Em 1871, Tylor definiu cultura como sendo “todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética” (TYLOR, 1871, p. 16). A educação por meio das obras literárias será a transmissora da cultura social independente da genética herdada de cada aluno. O artigo de Rosa e Graebin (2021, p. 85) menciona a importância do “posicionamento e do engajamento”. Ter posição e engajamento com os alunos significa ter indivíduos ativos e dispostos a aprender e a participar, desta forma, ressalto que as obras literárias reconstruem a identidade dos negros e dão espaço para as vozes dos oprimidos, uma luta na construção histórica e cultural da nação.

Salienta-se então que é de suma importância que a Lei Federal 10.639/03 seja efetivada, mas para isso devemos dar a devida valorização a essas literaturas, incumbindo ao professor articular as estratégias de maneira que nosso aluno seja crítico, reflexivo e enaltecendo a beleza e a cultura africana. “[...] É importante planejar o ensino a partir de obras ficcionais que levem o leitor a compreender as diferenças sociais e a valorizar o que há de característico de cada situação” (FERREIRA; ROSA, 2021, p. 26). A seguir, será realizada uma retomada de conceitos sobre memória social e sua constituição, relacionando às possibilidades de criação de memória coletiva por parte de leitores de textos literários afrocentrados.

4.1 Memória Social

Nesta seção encontra-se o estudo da memória social nas relações étnico-raciais na visão de alguns autores e suas contribuições para a contemporaneidade. Compreendemos que a memória é coletiva, compartilhada, passando de geração para geração e influenciada por fatores como cultura, história e tradição. Neste viés, o Brasil é um país multicultural, porém a diversidade deve fazer parte do contexto escolar, tornando-se desafiador estudar a memória da cultura afro-brasileira e ter a compreensão dos desdobramentos de conceitos de diversidades. Isso faz com que seja possível a aproximação com o pensamento de identidade de cada um na instituição escolar e as contribuições que esta cultura traz para autoafirmação dos estudantes negros, como também a inclusão em diferentes perspectivas. De acordo com as reflexões dos pesquisadores Chagas, Graebin e Rosa (2021, p. 240):

[...] que essas memórias circulem, seja pela palavra ou seja pela escrita. Mas que elas possibilitem a construção do novo, porém, agora, o desejado e não o inesperado: uma sociedade livre de todas as formas de preconceito, discriminação e racismo.

Contudo, sendo este um ambiente onde se deve propiciar a diversidade, ainda existem diversas barreiras ocultas na concepção da cultura e da identidade negra e através de reflexões de memórias passadas, seja ela oral ou escrita, que permitirá aos alunos uma análise atual da condição do negro e suas contribuições no Brasil.

Para Bergson (1999, p. 247), a memória é um fenômeno que “prolonga o passado no presente”. O autor afirma que a memória vem do espírito, é um fenômeno que responde pela reelaboração do passado no presente para criar o novo e o imprevisível. Ela é efetiva e mágica, está ao lado das experiências vividas. Halbwachs (2006) discorda que a memória seja proveniente da alma, ele considera um fenômeno social que para recordar temos que ter grupos de referência de acordo com as lembranças que evocamos.

Desta forma, a memória, para Halbwachs (2006), nos permite construir fatos de acordo com o meio social em que estamos inseridos, sendo que a memória individual existe, porém está enraizada em um contexto social. Portanto, para trabalhar a memória na literatura afrocentrada juntamente com a literatura brasileira, a fim de promover a integração, desconstruindo os paradigmas que visam à desigualdade, presume-se que tais obras sejam grandes influenciadoras para reconstrução de novos paradigmas na formação da identidade brasileira. Halbwachs (2006, p. 14-15) coloca a memória histórica como reconstrutora de dados do presente e a memória coletiva como a que recompõe o passado:

A "memória histórica", de um lado, que supõe a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada no passado reinventado; e a "memória coletiva", de outro, aquela que recompõe magicamente o passado. Entre essas duas direções da consciência coletiva e individual desenvolvem-se as diversas formas de memória, cujas formas mudam conforme os objetivos que elas implicam.

Haja vista que, se a memória histórica é uma reconstrução do historiador e a memória coletiva uma sensação de pertencimento, ambas podem estar interligadas na construção social escolar. Através das pesquisas sobre as obras literárias afrocentradas, os alunos poderão repensar de que forma as pessoas constroem suas memórias. Com base em suas experiências sociais e culturais é essencial compreender o contexto escolar como um agente transformador da diversidade em suas práticas pedagógicas e sociais. Tais práticas podem contribuir para atuar na formação do ser humano crítico reflexivo e não preconceituoso em um ambiente de igualdade e equiparação social, idealizando-se que os sujeitos mantenham vivas as memórias do passado, objetivando consolidar a sua auto afirmação de identidade negra no presente.

Neste sentido, Candau (2011, p. 16) afirma que "a memória, ao mesmo tempo em que nos modela é também por nós modelada". Diante deste cenário, nutrir mutuamente a cultura afro-brasileira de forma positiva é glorificar o passado e traçar nova trajetória para essa geração de etnias marcadas pela exclusão, preconceito e com poucas oportunidades.

Portanto se a educação é um instrumento transformador, a escola precisa fazer desta violência simbólica uma manipulação "positiva", pois é seu papel ter um movimento contínuo de reflexão e transformação destas práticas sociais trabalhando as relações étnico-raciais de maneira plural. A literatura afro-brasileira oportuniza que essas memórias se solidifiquem através do engajamento político-social, trazendo reflexões sobre a identidade, respeito, autoestima e da autoafirmação como cidadão negro. A memória social possibilita localizar o passado, mas é do presente que a rememoração recebe incentivo para as mudanças se efetivarem. Neste sentido, a escola como um espaço de memória representa o momento de toda aprendizagem, por meio de transmissão de valores, vestimentas, experiências como grupo, o material didático utilizado e outros acontecimentos que ganham sentido na relação social do cotidiano, representando ao mesmo tempo aspectos simbólicos e materiais.

Neste viés de importância da cultura na memória social, destaco alguns trabalhos escritos nas disciplinas de Cultura em Memória Social e Bens Culturais, que é o relato sobre o "Eu na caixa", objetos que podem trazer recordações da infância, não necessariamente o que define uma pessoa, mas um símbolo que poderá trazer recordações de uma época na vida das pessoas, livros, fotos entre tantas outras lembranças que podem ser evocadas repassando e transmitindo essas heranças. É, sem dúvida, o que Maurice Halbwachs denomina como "o laço vivo das gerações" (CANDAU, 2011, p. 137); a herança da memória cultural vai se perdendo ao passar do tempo, porém essas memórias continuam lá, como pode-se ver, a cultura está presente dentro de vários aspectos aos quais nos trazem recordações passadas que se perpetuam. A cultura se materializa em pequenos objetos como esses símbolos exemplificados.

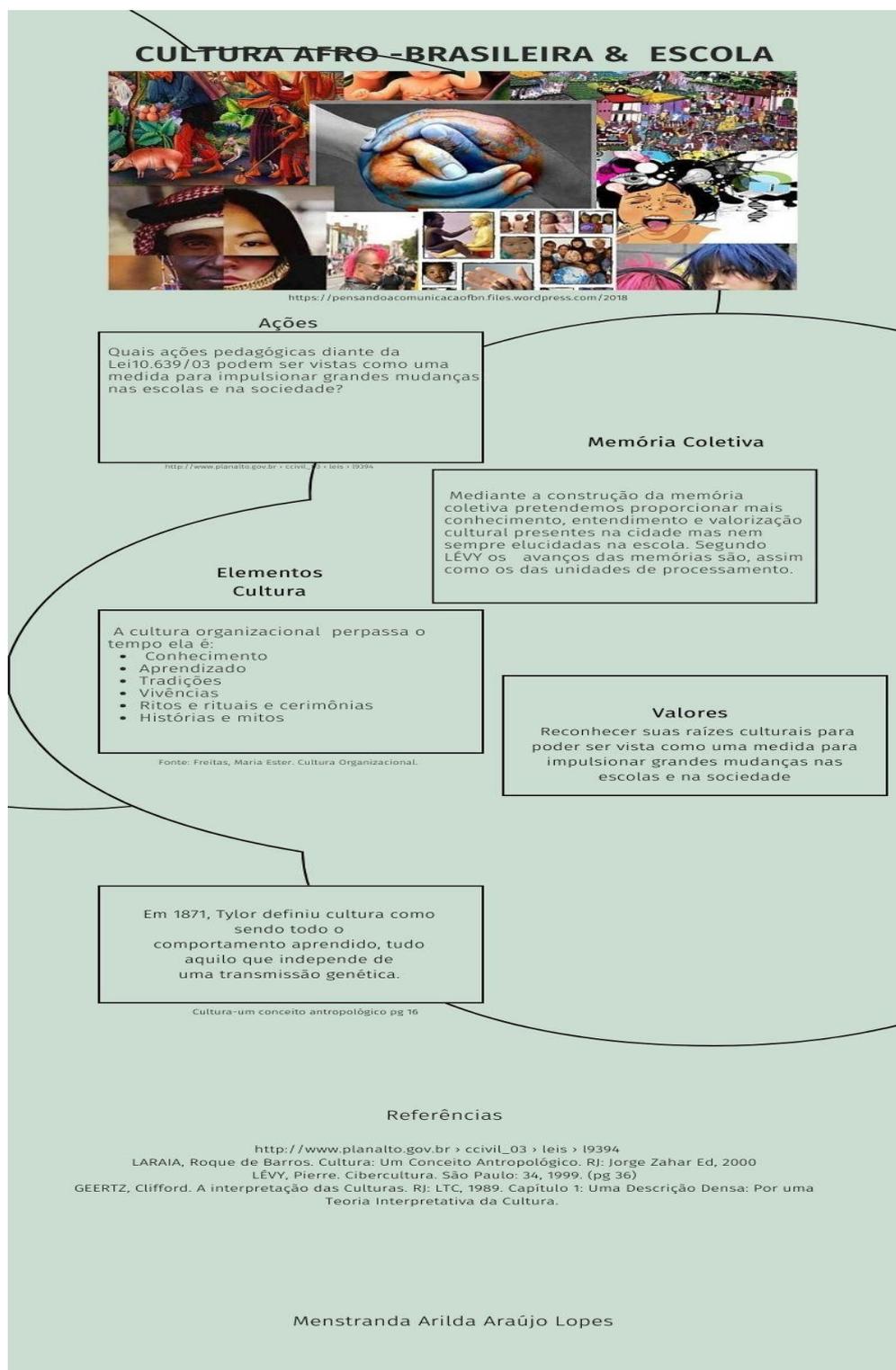
Culturas tratam-se dos sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades dos homens as suas condições biológicas, sendo que o modo de vida das comunidades inclui tecnologias e meios de organização econômica,

padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas. (LARAIA, 2001, p. 59. Grifos do autor).

Considerando a presente pesquisa, destaco a importância da memória social para que a cultura afro-brasileira seja valorizada e ensinada através de práticas pedagógicas eficientes buscando promover uma reflexão no âmbito escolar. E para ilustrar essas relações foi criado o material Cultura Afro-Brasileira & Escola (Imagem 5).

Destaca-se a importância das memórias que favorecem a tomada de decisões, pois o Brasil é um país predominantemente marcado pela miscigenação, logo, torna-se necessário investigar também as vivências individuais e coletivas do público-alvo. Vivências essas que podemos encontrar na literatura que tanto tem contribuído para formarmos futuros cidadãos sem preconceitos e nos aceitarmos como pessoas de negritude transformando a vida de cada um através da literatura. O negro é em sua essência um ser único com suas qualidades e especificidades. De acordo com Bernd (2018), em *Negritude*, a literatura representou um momento decisivo para o negro, que foi o reencontro com a subjetividade-relação de si mesmo consigo. Nesse aspecto do encontrar-se, destacamos a importância da consciência coletiva para manutenção de laços sociais e compreensão da cultura dos grupos e seus interesses.

Imagem 5 - Cultura Afro-Brasileira & Escola



Fonte: Construído pela autora, 2023.

A cultura afro-brasileira se manifesta no Brasil hoje a partir das memórias individuais e coletivas e, principalmente, das lembranças “escondidas” que muitas vezes representam histórias de denominação na construção de identidades. Mediante a construção de uma memória coletiva pensa-se, com este trabalho, proporcionar mais conhecimento, entendimento e valorização cultural presentes na atualidade, mas que nem sempre são elucidadas.

O ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana no Brasil tem sido muito lembrado nas aulas de História pela ótica da escravização negra africana. No presente momento, percebe-se que o Brasil é um país com grande população negra, e suas tradições de origem, gradativamente, foram sendo destruídas, então sua história e cultura e as de seus ancestrais foram sendo também excluídas da sociedade.

Muitos dos livros de história do Brasil, escritos por colonizadores europeus, certamente jamais iriam contar uma história que poderá ser comprovada populacionalmente e ainda reflete hoje nas escolas. A Lei federal 10.639/03 determina a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira em todos os níveis escolares. A Lei 12.288/10 institui o Estatuto da Igualdade Racial (BRASIL, 2010). Estas leis foram criadas com o objetivo de inclusão da população negra e nas conquistas sociais em busca de melhores oportunidades de estudo, de trabalho, de saúde e de convivência social no país. Embora tenha havido esses avanços, ainda não são suficientes para que as relações raciais sejam harmoniosas. Existem alguns aspectos nas instituições que mostram que a lei ainda não saiu do papel, como o despreparo dos docentes com o tema e o pouco material didático produzido que chega até as escolas e quase não revela a valorização da história e da cultura Afro-brasileira, contrariando o que nos afirma a lei:

Art. 11. § 1º Os conteúdos referentes à história da população negra no Brasil serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, resgatando sua contribuição decisiva para o desenvolvimento social, econômico, político e cultural do País.

§ 2º O órgão competente do Poder Executivo fomentará a formação inicial e continuada de professores e a elaboração de material didático específico para o cumprimento do disposto no caput deste artigo. (BRASIL, 2010, s/p).

Mesmo com o advento da lei citada, muitas escolas ainda não conseguiram implementá-la. Então, como pensar em educação na perspectiva da pluralidade

étnico-racial? De que forma criar abertura para um novo perfil de professores? São várias as ações a serem tomadas, é preciso promover reflexões, viabilizar materiais pedagógicos como tema e com a finalidade de questionarmos os livros didáticos que chegam até a escola e impedem que as problematizações cheguem aos educandos. A falta de formação inicial ou continuada para os docentes trabalharem gera desconhecimento e despreparo de alguns professores sobre o assunto; assim como a falta de interesse da própria escola sobre o referido estudo e a falta de conteúdo nos livros didáticos existentes. Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, 2008), a literatura é uma das principais disciplinas em que se deve trabalhar o tema afro:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.

Como já mencionado anteriormente, a cultura afro é ainda muito mais rica e vasta que o exposto. O povo brasileiro precisa, sim, apropriar-se do conhecimento, reconhecendo suas raízes culturais e como uma medida para impulsionar grandes mudanças nas escolas e na sociedade. Cada povo tem suas cores, tradições e hábitos que se misturam e se entrelaçam; desde o início da história do nosso país, os povos negros são atores dessa diversidade, através de uma rica e milenar cultura, que até os dias de hoje se reflete na nossa sociedade.

Ao refletir sobre a importância e a necessidade de haver livros afrocentrados disponíveis para leitura na escola, percebi que este tema não faz parte do cotidiano das pessoas. Ou seja, valorizar a cultura afro está longe de ser algo natural e de ocorrer em outros ambientes da sociedade.

4.2 Das produções escritas sobre literatura afro-brasileira

Estudar a literatura, antes de tudo, é desenvolver a capacidade de ser um leitor com senso crítico e entender a verdadeira essência da arte e do mundo que se insere. Portanto o autor escreve seus livros com a finalidade de expor ao leitor as suas múltiplas facetas da escrita, despertando a curiosidade, o senso analítico a partir de suas vivências, expressando sua arte de encontro com sua visão de mundo, sejam elas obras ficcionais, românticas ou poéticas. A linguagem da literatura é ampla de significados fazendo parte dos processos de transformações da sociedade.

Considera Andaló (2000, p. 48):

O verdadeiro leitor é aquele que busca entender o que está escrito, mobilizando tudo o que sabe sobre a língua: o sistema de escrita, as características do gênero, o suporte ou portador do texto, o assunto ou tópico, o contexto, o autor e sua época.

Ser um leitor estimula o desenvolvimento do intelecto, obtendo um conhecimento amplo e diversificado, criando responsabilidades com o que está lendo e construindo seu próprio conhecimento. A literatura brasileira vem de uma visão eurocêntrica que por muito tempo não contemplava as outras formas de expressões com uma visão de mundo colonizadora. Mediante os movimentos em busca de dar espaço para a voz de outros autores, essas mudanças foram acontecendo e contemplando a importância da diversidade cultural. Muitos autores reverteram essa situação com o desenvolvimento da globalização postergado durante anos.

Mediante o exposto, há grandes mestres literários que se ressaltam na literatura brasileira como Maria Carolina de Jesus (1914-1977), Domingos Caldas Barbosa (1740-1800), Maria Firmina dos Reis (1822-1917), Luís Gonzaga Pinto da Gama (1830-1882), João da Cruz e Souza (1861-1898), Ana Maria Gonçalves (1970), Cristiane Sobral (1974), Fátima Trinchão (1959), Ana Paula Lisboa (1980), Conceição Evaristo (1946), Geni Guimarães (1947), Ryane Leão (1989) e outros nomes, todos com suas magnitudes de colaboração para adentrarmos nas pesquisas com mais aprofundamento, Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), até os dias atuais, um dos maiores autores brasileiros, trouxe grandes

contribuições de maneira peculiar a cada escrita, crítico da elite de seu tempo fazendo dele um clássico literário. Em 1881 atingiu o ápice da literatura com *As Memórias póstumas de Brás Cubas*, retratando nesta obra muitas críticas sociais marcando na época a passagem do Romantismo para o Realismo. O livro relata a história de um personagem que morreu, e decidiu escrever suas “*memórias póstumas*”, uma ficção que transformou a literatura brasileira por seu caráter crítico-reflexivo sobre as relações sociais. Dentre sua vasta publicação, destacam-se os contos *O Caso da Vara* (1891) e *Pai Contra Mãe* (1906) ao trazer à tona o tema da escravização de forma contundente.

Ao longo das três últimas décadas a literatura ganha força em nosso país mediante aos movimentos negros pelo reconhecimento racial. A literatura afro-brasileira ou literatura negra é uma narração escrita não só pelo amparo de igualdade racial, mas também das manifestações de inclusão do olhar do escritor negro na arte literária sendo que, no Brasil, surgem na década de quarenta as primeiras manifestações artísticas com o Teatro Experimental do Negro (TEN), em 1944 no Rio de Janeiro, desenvolvido por Abdias do Nascimento (1914-2011) (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2016). O TEN surge com a proposta de valorização do negro a partir da arte, uma preocupação com a falta de protagonistas negros nas representações teatrais com papéis principais, sendo reforçados os estereótipos que os negros sofriam com papéis subalternos, desfavorecendo a sua importância como ser humano e suas culturas.

Segundo o autor Nascimento (2004), o negro tinha recusa nos “personagem e intérprete, e de sua vida própria, com peripécias específicas no campo sociocultural e religioso, como temática da nossa literatura dramática” (NASCIMENTO, 2004, p. 210). Desta forma surge o TEN com expressões artísticas afro-brasileiras escritas e ilustradas por autores negros, uma visão de mundo, a partir de uma afro-descendência de ser negro, cujos personagens são os próprios negros tecendo suas narrativas e experiências a partir de si próprios, por vezes apagados ou diminuídos da sociedade.

Todavia, há muitas reflexões sobre a existência dessa literatura e como deve ser aplicada; ela não só existe como também é ampla e diversificada e a partir da Lei 10.639/03, que incluiu no currículo a obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileira, começa a se ter um olhar diferenciado a essa literatura,

rompendo um ciclo de preconceitos implantado na cultura nacional. Sabe-se que conhecer esse conceito poderá proporcionar uma inclusão escolar com eficácia por meio de repertórios mais diversos de abordagens, levando à mudança de posição do leitor à vista da realidade que, por séculos, a literatura afro-brasileira não refletiu a diversidade que caracteriza a população brasileira. E para formarmos um leitor, devemos inseri-lo no letramento literário: “Ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária [...]” (COSSON, 2006, p. 120).

É importante criar alternativas impactantes e desafiadoras para desenvolver o despertar literário, por isso se faz necessário que a criança se familiarize com os livros com uma visão crítica através das vivências de seus personagens. Seguindo nessa perspectiva, a escritora nigeriana Adichie (2019, p. 26)¹¹ afirma que “a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que uma única se torne a única história”.

O relato de Chimamanda (2019) sobre “o perigo de uma única história” nos traz uma reflexão: nós, seres humanos, somos constituídos de histórias postas, portanto as interpretações serão diversas ao escutarmos uma só história, pois somos seres diferentes e únicos. Os tipos de vivências são infinitos e torna-se necessária a ressignificação das práticas pedagógicas em torno de uma literatura em diversos contextos, propiciando aos alunos o desenvolvimento crítico, agregando valores de diversas competências. E para que esse letramento se torne cada vez mais eficaz podemos contar com a tecnologia protagonista da acessibilidade social, nos aproximando com mais segurança, trazendo praticidade e mais interesse para o leitor desta geração que já nasceu conectada.

Neste sentido, realizou-se um levantamento entre os Periódicos da Capes e no Repositório Institucional da Unilasalle, de artigos publicados sobre a literatura afro-brasileira, no período compreendido entre 2018 e 2023, período escolhido por atualizar o tema com publicações recentes em uma amostragem significativa. Buscando pelas palavras “literatura afro-brasileira”, filtrando-se os trabalhos revisados por pares, com acesso aberto, compreendidos no período mencionado e

¹¹ A notória obra “O perigo de uma história única” de Chimamanda Ngozi Adichie (1977) é uma adaptação da conhecida conferência TED *talk* (2009).

em língua portuguesa, retornam 475 títulos. Desses resultados destacam-se, para este trabalho, as três publicações seguintes:

Quadro 1- Artigos

Título	Ano	Autoria
Literatura afro brasileira na educação infantil: desafios à formação docente	2023	Marta Regina Paulo da Silva
Narrativas de protagonismos: memórias de mulheres negras em "Olhos de azeviche"	2021	Graebin, Cleusa Maria Gomes; Rosa, Lúcia Regina Lucas da
Negra, afro-brasileira, afrodescendente: a literatura de Zeli de Oliveira Barbosa	2020	Anselmo Peres Alós

Fonte: Construído pela autora, 2023.

O levantamento realizado a partir dos bancos de dados da Universidade La Salle e nos Periódicos da Capes foi para apontar a intensidade com que a literatura pode ser abordada, dando subsídios para o desenvolvimento desta pesquisa. Desta maneira, pensa-se na transformação da vida dos leitores desenvolvendo a empatia, a imaginação e fornecendo a compreensão de outras culturas e da espécie humana. Assim, a escolha por estes três artigos deu-se por tratarem da literatura afro-brasileira discutindo aspectos afins com esta pesquisa, como a educação infantil e as questões identitárias.

O artigo *Negra, afro-brasileira, afrodescendente: a literatura de Zeli de Oliveira Barbosa*, de Anselmo Peres Alós (2020), faz uma crítica a escritores brancos que escrevem literaturas afro-brasileiras, pois acredita que o ideal, neste caso, seria os negros assumirem a autoria. Acredita nisso porque, por não terem propriedade do que está sendo relatado, as literaturas brasileiras que partem do ponto de vista

branco invisibilizam alguns acontecimentos. E a literatura afro-brasileira é associada às experiências de vida de pessoas negras que as evidenciam de forma mais apropriada ao contexto de sua escrita, rompendo as limitações que lhe foram impostas na academia, quando escritores negros foram em busca de seus espaços na sociedade. Neste ponto é importante destacar que, se somente os negros escreverem sobre negros e somente os brancos escreverem sobre brancos, o preconceito continuará sendo reafirmado, dado que não haverá democratização entre os conhecimentos produzidos. Ou seja, um grupo não irá ler o outro e, assim, não haverá difusão destas leituras, mantendo-se o desequilíbrio.

O autor versa sobre os escritos de Zeli contando a sua história na favela da Ilhota em Porto Alegre/RS, em 1972, no texto intitulado *Testemunho de uma vida*, que, supostamente, criaria semelhanças com *Quarto de Despejo*, obra de Carolina Maria de Jesus, embora Zeli não a conhecesse. Assim, destaca que as similaridades das histórias são comumente encontradas, pois só quem reside em lugares como as favelas têm propriedade para fazer tais relatos com riquezas de detalhes. Sua obra foi publicada em 1993, mediada por brancos que realizaram interferências em seus escritos. Foi muito importante, então, Zeli produzir sua narrativa em torno de Ilhota, pois possibilitou mostrar o seu cotidiano, dando visibilidade a mais uma escritora negra sendo divulgada no mercado editorial.

O artigo *Literatura afro-brasileira na educação infantil: desafios à formação docente*, de Marta Regina Paulo da Silva (2023) trata dos desafios na formação docente para romper com as práticas racistas, sexistas e adultocêntricas. Sua pesquisa foi realizada analisando-se livros literários afro-brasileiros trabalhados na educação infantil. Tais obras mostram a ineficácia na representatividade de meninas negras após ter sido feito um levantamento com os docentes de uma instituição. Dos livros mais usados por eles em sala de aula destaca-se o título *Menina bonita do laço de fita* (com 46,9% das escolhas). Neste livro a autora identifica a miscigenação, pois a união de um coelho branco com uma coelha preta resultou em várias cores de coelhos que nasceram. A ideia que o livro passa é a de que brancos e negros vivem harmoniosamente como fato incontestável.

Em sua análise a autora enfatiza que o nome da mãe coelha não aparece, mas sim o adjetivo “mulata”, ou seja, é classificada como de estirpe inferior. É necessário um professor saber, por exemplo, que a palavra “mulata” não é aceita pelos

movimentos negros, pois o mulatismo é uma criação da classe dominante. Para estes movimentos, os brancos têm uma ideia de mulher negra erotizada, assim como de que se deve ter desprezo por ela.

O segundo livro na lista é *O Cabelo de Lelé* (com 39% das escolhas). Este passa a ideia da menina não aceitar seus cabelos por serem volumosos e desajeitados, conduzindo a nós, leitores, a impressão de que cabelos lisos são os melhores e mais belos. Inicialmente, ela é representada por uma menina inquieta que usa vestimentas do tipo unissex, o que estaria quebrando com os estereótipos de mulher frágil. Mas tudo muda quando ela se encontra com um menino, e suas vestimentas passam de unissex para um vestido branco, ou seja, mostrando uma forma de romantizar a relação. Como se antes, “mal vestida”, ela não pudesse encontrar um menino. Ou seja, a dominação masculina prevalece, fortalecendo as desigualdades sociais e estereotipando a integridade da mulher negra.

Assim, coloca a autora, faz-se necessário lançar outros olhares sobre as literaturas hegemonicamente aceitas e que são trabalhadas na educação infantil, pois muitas tendem a favorecer o branqueamento, colaborando com o apagamento negro. Para que crianças parem de constituir suas relações a partir de históricos de exploração e sofrimento, incluir nas escolas a literatura afrocentrada é essencial para a prática pedagógica. Cria-se, assim, um diálogo antirracista. Valoriza-se os aspectos físicos e a formação de sua identidade, para que não ocorra esse apagamento também da literatura afro-brasileira. Quanto maior a circulação das obras de autores negros, mais estarão em evidência e fortalecendo as suas e outras vozes negras no mercado editorial.

O artigo *Narrativas de Protagonismos: Memórias de Mulheres Negras em “Olhos de Azeviche”*, de Rosa e Graebin (2021), analisa a obra narrada por dez mulheres negras com particularidades diferentes, porém em prol de um mesmo objetivo - o reconhecimento mediante a sociedade que vem de uma literatura embranquecida. Considerando um apagamento ou invisibilidade de autoras negras na literatura, essas dez escritoras da contemporaneidade defendem suas origens. E vão contra essa escassa demanda de obras negras, retratam suas narrativas e exaltam seus traços, abordam os preconceitos sociais sofridos e buscam, através de seus escritos, a dignidade, contribuindo, deste modo, com a literatura brasileira.

As autoras deste artigo relacionam os contos entre passado e presente, uma vez que as narrativas são movidas pelas memórias do passado e dando autenticidade em suas identidades presentes, fortalecendo a memória de seus ancestrais em busca de um espaço digno de mulher e escritora negra reconhecido pela sociedade. “Apesar do racismo que confrontamos nos círculos feministas, as negras que abraçaram o pensamento e a prática do feminismo permaneceram comprometidas e engajadas porque experimentavam novas formas de aperfeiçoamento” (HOOKS, 2013, p.165).

Escritoras negras vêm fazendo a diferença transgredindo com suas obras, que dialogam com o público em sinal de liberdade. Com isso os negros vêm alcançando grandes avanços por igualdade social e, desta forma, por superação, em cada uma das histórias narradas.

Silva (2011, p. 29) chama a atenção para a transformação do negro em “um ser estigmatizado, na maioria das vezes, tornando-o cada vez mais estranho e não familiar”. E isso também se modifica quando pensamos em literaturas afrocentradas capazes de transformar esta visão. Será quando então irão parar os processos de estereotipagem do negro (HALL, 1997) que o reduzem à escravização e a outras formas reducionistas que a história dos livros de didáticos nos contam?

Dando continuidade a esta revisão, foram buscadas dissertações e teses na Universidade La Salle, mais precisamente do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, no período de publicação compreendido entre os anos de 2013 e 2022. Dos resultados, foram selecionados os quatro títulos seguintes. Aqui ampliamos um pouco mais o período da busca para dar mais ênfase aos trabalhos em nível *stricto sensu*.

Quadro 2 - Dissertações e Teses

Título	Ano	Autoria	Modalidade/ PPG	Endereço
Carolina Maria de Jesus e Ryane Leão: das memórias às escritas de si.	2022	FERREIRA, M. V	Dissertação de Mestrado em Memória Social e Bens Culturais	http://hdl.handle.net/11690/3201 . Acesso em: 07 jul. 2022.

Tessituras da memória: lembrar, narrar e ressignificar.	2019	SOARES, Tanira Rodrigues	Tese Doutorado em Memória Social e Bens Culturais	http://hdl.handle.net/11690/1253 . Acesso em: 4 dez. 2019
Rastros memoriais da cultura afro-brasileira em Casa da Palavra, de Edimilson de Almeida Pereira.	2014	LACERDA, B. S.	Dissertação Mestrado em Memória Social e Bens Culturais	https://repositorio.unilasalle.edu.br/handle/11690/656 . Acesso em 07 ago. 2023.
A literatura infantil e o processo de alfabetização e letramento no primeiro ano do ensino fundamental	2013	SILVEIRA, V. M. P.	Dissertação Mestrado em Memória Social e Bens Culturais	https://repositorio.unilasalle.edu.br/handle/11690/614 . Acesso em: 07 ago.2023.

Fonte: Construído pela autora, 2023.

A escolha destes títulos deu-se por relacionarem trabalhos realizados sobre memória e literatura afro-brasileira, e suas análises colaboraram de maneira que as experiências empíricas e qualitativas serviram de base para o amadurecimento desta pesquisa. Na dissertação de mestrado *Carolina Maria de Jesus e Ryane Leão: das memórias às escritas de si*, a autora Ferreira (2022) visa dar espaço para as vozes às pessoas invisibilizadas através das obras de Carolina Maria de Jesus e Ryane Leão, tendo como base as autobiografias de jovens e adultos do EJA, que a partir de seus relatos na literatura deram sentido a sua história de vida. A autora então enfatiza a relevância das palavras de Hooks (2013, p. 213) de instigar uma “educação como prática da liberdade”.

Também Ferreira (2022) mostra o relevante papel da literatura em propiciar a transcendência e entrelaçar-se na vida humana, no processo em que os alunos teceram seus relatos, e o quanto isso foi libertador para eles . Conseguiram, assim,

expor seus anseios, explorar seus sentimentos, reconhecerem-se como pessoas que têm uma riqueza cultural e que esta deve ser apreciada, rompendo seus limites internos enraizados.

Soares (2019), na dissertação *Tessituras da memória: lembrar, narrar e ressignificar*, afirma que a memória retrata o passado invocando o presente, articulando a literatura nas ressignificações familiares geracionais, como também os vínculos com a ancestralidade. A memória foi, assim, o fio condutor para que a literatura contemporânea pudesse ser tecida.

Como Candau (2011, p.131-132) afirma: “A história busca revelar as formas do passado, enquanto a memória as modela, um pouco como faz a tradição. A primeira tem uma preocupação de ordenar, a segunda é atravessada pela desordem da paixão, das emoções, dos afetos”. Desta forma, a autora destaca *Azul corvo*, de Adriana Lisboa (2014); *Mar azul*, de Paloma Vidal (2012); e *A chave de casa*, de Tatiana Salem Levy (2013), como obras que irão unir-se em memória e literatura e seguir os vestígios geracionais familiares.

A dissertação de mestrado *Rastros Memoriais da Cultura Afro-brasileira em Casa da Palavra*, de Edimilson de Almeida Pereira, escrita por Lacerda (2014), mostra que por meio dos seus poemas dá-se a recuperação da memória coletiva e cultural afro-brasileira, objetivando divulgar a literatura para o maior número de pessoas possível. Assim, preocupado com a diversidade, apoia-se nas memórias coletivas para formar a sua própria.

Ele considera que a literatura é um importante veículo de conscientização, que através desse legado as crianças se sentirão pertencentes como também se orgulharão de sua história. É possível perceber em suas obras o estímulo para a realização de vários tipos de leitura, como um representante ilustre da cultura. Em seus poemas há a fortíssima presença da religiosidade afro, e recuperar essa memória social poeticamente é valorizar a ancestralidade, para que não aconteçam mais apagamentos. Para lembrarmos de nossas origens e não esquecermos de quem somos.

Lacerda (2014) destaca, em sua dissertação, a diversidade, como também a importância de ser um leitor crítico e analítico, e discorre sobre o papel ocupado pela literatura afro-brasileira nas poesias de Pereira, onde os tipos de identidades que os poemas trazem são formados de cultura raiz - por tratar de sentimentos baseados

em suas origens, ou rizomática, pois o seu ponto de vista não se opõe à forma tradicional de pensar.

A dissertação *A literatura infantil e o processo de alfabetização e letramento no primeiro ano do ensino fundamental*, de Silveira (2013), parte do princípio de que os estímulos e o fazer imaginário que as crianças recebem ao chegarem no primeiro ano do ensino fundamental são cruciais para seu pleno desenvolvimento. Neste sentido, vem a leitura, da qual a criança vai apropriando-se para desenvolver a escrita. A escola, como estimuladora desse processo, tem o papel fundamental na formação de seus docentes que, sendo assim, irão discorrer de um notável trabalho com seus alunos.

A autora então afirma que a magia da literatura infantil contribui para a alfabetização e o letramento das crianças. Apoiada em Coelho (2010, p. 27), quando coloca que “a literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra”, também mostra que esse processo de formação da alfabetização e do letramento literário é uma arte. E o professor é o mediador desse momento tão importante na vida das crianças.

As referentes pesquisas assemelham-se, por tratarem de um tema polêmico entre estudiosos que é a literatura afro-brasileira, abordando a diversidade, a religiosidade e a cultura. Assim, compreendo a necessidade de difundir para a sociedade a sua importância, estudando para compreendê-la melhor, recuperar os rastros deixados por memórias de dor e sofrimento, pois só assim poderemos nos permitir e fazer com que a nossa identidade cultural tenha a cura deste passado e a nossa realidade seja de transformação e empoderamento.

4.3 Por que falar de Representação

Para este trabalho pensa-se na representação não como uma simples correspondência como uma imagem refletida em um espelho, ou uma imagem que simboliza, significa ou substitua (HALL, 1997) algo ou alguém. A complexidade do conceito de representação já vem sendo estudada há bastante tempo, quando Moscovici, no final do século XX, afirmava que “a representação social constitui uma

das vias de apreensão do mundo concreto” (MOSCOVICI, 1978, p. 44). Neste sentido temos em Hall (1997, p. 15), por exemplo, que:

O conceito de representação veio a ocupar um lugar de destaque no estudo da cultura. A representação liga o significado e a linguagem à cultura. Mas o que exatamente as pessoas querem com isto? O que a representação tem a ver com a cultura e o significado? Uma utilização de bom senso do termo é a seguinte: “Representação é usar a língua/ linguagem para dizer algo significativo ou representar o mundo de forma significativa para outrem.” Você pode perguntar: “E isto é tudo?” Bem, sim e não. A representação é parte essencial do processo pelo qual o significado é produzido e intercambiado entre os membros de uma cultura. De fato envolve a utilização da linguagem, de sinais e imagens que significam ou representam coisas, mas longe de ser um processo simples ou direto [...].

Quando falamos sobre algo ou alguém, pela linguagem estamos constituindo-o, e isso de acordo com os nossos valores e crenças, a nossa visão de mundo. Em um país pluricultural como o Brasil, de acordo com os estudos de Silva (1987, p. 96), “o sistema de ensino privilegia a cultura branca com o objetivo de promover a desculturação e o branqueamento”. A autora utiliza o termo desculturar como um processo consciente de separação de um grupo para explorá-lo econômica, política e socialmente.

As discussões sobre o conceito de representação foi iniciado por Moscovici na década de 1970, e no Brasil existe outro movimento também voltado para os estudos das representações sociais, para produção científica e compreensão do conceito. Um grande número dessas contribuições brasileiras é elencado por Silva (2000, p. 5-6):

Algumas iniciativas desse movimento são citadas por Sá (1996), tais como a formação de um Grupo de Trabalho sobre o assunto nos III, IV e V Simpósios de Pesquisa e Intercâmbio Científico da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia – ANPEPP, realizados em 1991, 1992 e 1994. A participação de autores brasileiros em sessões específicas realizadas em outros eventos científicos tais como, a 1st International Conference on Social Representation, em Ravello, na Itália, em 1992; o Congresso Interamericano de Psicologia, realizado em Santiago do Chile em 1993; os V, VI e VII Encontros Nacionais de Psicologia Social da Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO em 1989, 1991 e 1993, respectivamente; o XXIII International Congress of Applied Psychology, realizado em Madrid, Espanha, em 1994, o Encontro de Representação Social do Rio de Janeiro, na UERJ em 1994; a 2ª Conferência Internacional sobre Representação Social na UERJ, promovida pelo Mestrado em Psicologia, Instituto de Psicologia, e École des Hautes Études en Sciences Sociales e a Social Representations Communication Network, que contou com a presença de 46 pesquisadores brasileiros dos diversos estados, dentre os 115 participantes que apresentaram trabalhos

(Sá: 1996:24/25). São também importantes iniciativas a publicação de duas obras brasileiras coletivas sobre representações sociais, a de Spink, M. G (Ed) O Conhecimento do cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social (São Paulo, Brasiliense, 1993); e a de Guareschi, P & Jovchelavitch, S (Eds) Textos em representações sociais (Petrópolis, Vozes, 1994). Outra iniciativa importante foi a estada no Brasil de pesquisadores visitantes, a convite do Mestrado em Psicologia da UERJ, dos professores europeus Denise Jodelet, da École de Hautes Études en Sciences Sociales; Wolfgang Wagner da Universität Linz da Áustria, Jorge Vala, da Universidade de Lisboa, Portugal; Jean-Claude Abric, da Université de Provence, França, e Robert Farr da London School of Economics and Political Science, da Grã-Bretanha; a convite do Mestrado em Psicologia da PUC do Rio Grande do Sul (Sá: 1986). Outro evento importante nas representações sociais foi a Jornada Internacional sobre Representações Sociais: teoria e campos de aplicação, realizada em novembro de 1998 em Natal, (RN), organizada pela UFRN, UFRJ, UERJ, École de Hautes Études Em Sciences Sociales e Fondation Maison De Sciences de L'Homme, com a presença de vários dos pesquisadores mencionados, entre eles Moscovici, Jodelet, Farr, constituiu-se na minha avaliação, na culminância dos estudos teóricos e empíricos realizados no Brasil, com a parceria dos pesquisadores precursores desse campo de investigação.

Sobre o tema representação coletiva, buscamos sua origem desde que “Durkheim, precursor desses estudos, [...] foi o primeiro a propor a expressão ‘representação coletiva’ localizando o pensar social sobre o individual” (SILVA, 2000, p. 6-7), e depois disso os estudos só se expandiram. Por isso a importância do movimento negro por uma representação que esteja de acordo com a sua história, os seus valores e suas crenças, e não os de outros sujeitos. E isto é o que deve prevalecer em processos educativos, onde crianças e jovens terão acesso a toda complexidade envolvida na história e riqueza étnica e cultural do negro no Brasil, por meio de uma literatura que privilegie as particularidades desta história contada pelo negro, ou por outras histórias produzidas por outros que o representam.

Ideologias, estereótipos, juízos prévios e imagens cristalizadas do negro, presentes nas representações sociais, podem ser revistas a partir da exigência de uma sociedade pluralista, constituída por diferentes universos parciais, coexistindo em um estado de mútua acomodação, substituindo o conflito pela tolerância e cooperação. (SILVA, 2000, p. 4).

Defende-se que seja colocado à disposição, como afirma Silva (2023, p. 3-4), um lugar para “desvelar marcas sexistas, racistas e adultocêntricas veiculadas em suas páginas”. E seria a literatura afrocentrada uma fonte importante de apoio para “restabelecer as representações das diferenças no ambiente educacional”.

5 CULTURA, IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO AFRO EM LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA E EM LIVROS DE CONTOS INFANTIS: UMA BREVE ANÁLISE

Este capítulo é concentrado nas análises dos dois principais materiais escolhidos para este trabalho: a primeira, dos livros de história ofertados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de SC, e a segunda, dos livros de contos infantis afro da biblioteca, ambos da Instituição X. Os autores escolhidos como aporte teórico para as análises foram: da Memória Social - Pollak (1989), dos Estudos Culturais - Hall (1997b), e dos Estudos Afrocentrados - Munanga (2009), Silva (2000) e Kilomba (2019).

5.1 Os livros didáticos de História ofertados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de SC

Esta seção destina-se a uma análise dos livros de História ofertados pelo Programa Nacional do Livro e Didático (PNLD) de SC, criado em 1985 com as funções de melhorar a qualidade no ensino e distribuí-los de forma gratuita nas instituições públicas. Este processo foi aprimorando-se e foram acrescentados novos componentes curriculares no decorrer dos anos, sendo este avaliado por especialistas de todas as áreas de forma a garantir a abordagem dos conteúdos com relevância nas áreas específicas. Também é destinado a avaliar e disponibilizar materiais de forma regular e sistemática de acordo com as projeções do censo de dois anos anteriores. Os cinco exemplares analisados para essa pesquisa são *Buriti Mais* (editora Moderna), *Presente Mais* (editora Moderna), *Bem-Me-Quer* (editora do Brasil), *Da Escola para o Mundo* (editora Scipione) e *Ápis Mais* (editora Ática). Dentre esses, o livro sugerido para trabalharmos na Instituição X no ano de 2023 e 2024 foi o *Ápis Mais* (editora Ática).

Quadro 3 - Temas abordados nos livros didáticos de história

Título do livro Autor(a)	Editora ano página	Excerto sobre o tema afro
Ápis Mais Anna Maria Charlier Maria Elena Simielli	Ática 2021, p. 72	Seção: As comunidades afro-brasileiras “Entre os séculos XVI e XIX, os quilombos eram comunidades localizadas em áreas de difícil acesso, em geral formados por escravos fugitivos que não aceitavam o regime de escravidão.”
Buriti Mais Ana Claudia Fernandes	Moderna 2021, p. 46	Seção: Africanos “A principal mão de obra utilizada eram de africanos capturados em suas terras de origem e trazidos para o Brasil. Aqui, eles eram escravizados e forçados a trabalhar nas lavouras por, pelo menos, 12 horas por dia.”
Presente Mais Ricardo Dreguer Cássia Marconi	Moderna 2021, p. 32	Seção: A Capoeira “No Brasil, a cultura africana está presente também na capoeira, uma atividade física que mistura esporte, luta, dança, música e brincadeira.”
Bem -Me-Quer Márcia Cristina Hipólide Mirian Gaspar	Editora do Brasil 2021, p. 139	Seção: Cada manifestação uma história “O modo de dançar, de tocar os instrumentos e de cantar foi influenciado pelas comemorações e

		rituais que os africanos realizavam nos lugares onde nasceram, antes de serem trazidos como escravos para o Brasil.”
Da Escola para o Mundo Alexandre Alves Letícia Fagundes de Oliveira	Scipione 2021, p. 78	Seção: Migração forçada e resistência escrava “Os africanos escravizados eram forçados a trabalhar de diversas formas: em plantações e engenhos de cana-de-açúcar, em plantações de café, carregando pessoas e mercadorias, extraindo ouro na mineração e exercendo vários serviços domésticos.”

Fonte: Construído pela autora, 2023.

Descrevo, então, como foram produzidos os conteúdos dos livros e dispostas as imagens do negro, visto que esta pesquisa está direcionada à história e cultura afro-brasileira e a sua representatividade de forma positiva.

Memórias subterrâneas

O livro *Ápis Mais*, da Editora Ática, publicado em 2021, dos autores Anna Maria Charlier e Maria Elena Simielli, nas páginas 64, 65, 68, 69, 70, 71, 72 e 73, os conteúdos são relacionados ao continente africano, o Reino de Gana, o Reino do Mali, o Reino do Congo e o Reino do Benin. Relata sobre suas culturas e os africanos que vieram para o Brasil trazendo variadas técnicas de metalurgia para trabalhar como o ferro e o bronze, para fabricar seus instrumentos de trabalho. Também conta que nos séculos XVIII e XIX esses escravizados chegaram ao Brasil, e não aceitando o regime de escravização foram para os quilombos; e que até os dias atuais alguns descendentes ainda praticam a agricultura familiar. O livro mostra um registro fotográfico de uma mulher colhendo açaí na ilha de Ingapijo, no município de Mocajuba, no Pará, em 2020.

Sabemos que são importantes as memórias do passado, para que possam, de alguma forma, ao serem lembradas, serem também úteis para nosso aprendizado. Este livro mostra a história do continente africano em seis páginas, o que pode parecer bastante espaço dedicado às relações étnico-raciais. Sabemos também que é importante ter o conhecimento de outras culturas, para ampliar o conhecimento da formação social do nosso país. No entanto, a relevância é estudar a nossa cultura e dar ênfase a nossa história afro-brasileira, a arte, a música, a espiritualidade e as tradições, inserindo novos elementos de compreensão da nossa identidade.

Atualmente a sociedade negra vive em constante luta pela representatividade em uma sociedade onde ainda existem preconceitos os quais dificultam a construção de um Brasil antirracista. E as representações e os conteúdos dos livros didáticos deveriam ter por função orientar e guiar as práticas educacionais com democracia. Quando a obra *Appis Mais* coloca que os quilombos eram comunidades localizadas em áreas de difícil acesso, em geral formados por escravizados fugitivos que não aceitavam o regime de escravização, está reproduzindo narrativas do negro que precisava ser escravizado porque era preguiçoso e que por isso fugia do trabalho. Hall (1997b, p. 15) também coloca essas representações populares que, durante o período da escravização, tendiam a afirmar que “a subordinação e a preguiça eram inatas do negro, que eles nasciam e eram próprios para a servidão, mas não tinham vontade de trabalhar”. Kilomba (2019, p. 20) já coloca “plantação” e “memórias”, descrevendo “o racismo cotidiano não apenas como a reencenação de um passado colonial, mas também como uma realidade traumática, que tem sido negligenciada”. Assim, as lembranças que eram tomadas em relação ao negro, para mostrar autoridade, continuam sendo representadas nos livros didáticos de forma estereotipada e negativa. Uma memória de traumas e angústias a qual não é necessário ser abordada com tanta frequência nos livros que vão para as salas de aula.

Coloca-se a necessidade de romper as “memórias impostas” ao povo negro, e romper “uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor” (POLLAK, 1989, p. 9). Só assim lidaremos com nossas memórias subterrâneas de modo a ressignificá-las.

Estereótipos e fetichismo

O livro *Buriti Mais*, da Editora Moderna, publicado em 2021, da autora Ana Claudia Fernandes, é ilustrado e contém, no sumário, como identificação sobre o tema, o título “O trabalho e lazer do Brasil de outras épocas”. Nas páginas 27, 30, 31, 47 e 49, os conteúdos são de trabalhadores escravizados que sustentavam a maior parte da economia do Brasil há 130 anos, mesmo sendo trabalhadores alforriados que já haviam conseguido a liberdade, e que ainda não eram considerados livres. Então, exaltando a elite como os donos de terras, administradores e comerciantes, o conteúdo relaciona o trabalho e o lazer daquela época na qual a elite desfrutava dos melhores privilégios, as pessoas andavam bem vestidas e podiam frequentar bailes de gala. Podiam desfrutar da paisagem da cidade, dos teatros, ou seja, tudo para os brancos, enquanto aos negros eram proibidas determinadas formas de lazer como práticas culturais de matriz africana. A eles apenas o serviço braçal.

As páginas seguem contando a história dos africanos capturados e trazidos para o Brasil, e então há uma imagem pouco nítida, mas dolorosa. São negros no porão de um navio negreiro em 1835, alguns nus, amarrados, deitados ao chão, enquanto brancos muito bem vestidos estão na vigia. Conta-se que em Salvador/BA as marcas do passado estão preservadas nas igrejas da irmandade, sendo este o único texto atualizado da história e cultura africana no material. Percebe-se que tanto nas imagens quanto na escrita aparece muito nítido o poder da elite prevalecendo, sendo a representação do negro nas imagens a de desumanidade, somente a de um passado doloroso. Salienta-se, deste modo, que não poderemos crescer intelectualmente e como sociedade evoluída se continuarmos invocando em nossos estudos em sala de aula esta representação. Também é necessário realizar discussões mais atualizadas sobre as relações étnico-raciais no ambiente escolar e promover a valorização da cultura afro-brasileira focada nas contribuições da nossa realidade atual.

Ao abordar que os africanos eram capturados de suas terras de origem e trazidos para o Brasil para trabalhar mais de 12 horas por dia, estamos demonstrando o repúdio contra o ser humano construído na época. Silva (2000, p. 9) coloca que “a representação do negro é modelada, construída, a partir das ideologias, estereótipos, crenças e mitos, constituintes da nossa consciência”.

Assim, por serem considerados “homens fortes”, os negros eram forçados a trabalhar até a exaustão ou a morte. E isso vem das práticas do fetichismo discutidas em Hall (1997b), quando coloca a representação construída nos séculos XIX a XX, do homem negro natural e mitologicamente dotado de um físico muscular e uma capacidade de força e firmeza essenciais. Trata-se, em verdade, de uma construção racista que atesta aos negros uma suposta superioridade e resistência física. E esta é, ainda, a representação encontrada em boa parte da literatura brasileira, que reforça os preconceitos e continua contribuindo para a desigualdade racial. Infelizmente, ainda são muitos os escritos negativos representando a cultura afro mostrando papéis secundários e que vêm a contribuir para o preconceito, a desigualdade, a discriminação e a não aceitação de si mesmo negro.

Cultura negro africana

No livro *Presente Mais*, da Editora Moderna, publicado em 2021, dos autores Ricardo Dreguer e Cássia Marconi, os textos tendem a chamar o leitor a refletir sobre a diversidade da cultura afro-brasileira, como demonstram nas páginas 17, 30, 32, 33 e 41. Chama a atenção do leitor a presença da população negra no cotidiano das cidades brasileiras, a influência da cozinha africana, a religiosidade e a dança no Brasil, a qual destaca-se como um excelente exercício físico. Quanto às imagens, são registros da atualidade, de negros vestidos de acordo com o contexto da história, na culinária um prato típico da cozinha africana, “a pamonha”, e um registro com duas imagens de como era a capoeira em 1835 e no Rio de Janeiro em 2019.

Por último, o registro do Festival da Cultura Negra em Brasília, de 2019. E também há relatos da importância do dia 20 Novembro, o Dia da Consciência Negra, afirmando que as marcas do passado jamais serão apagadas, porém, mediante a implementação das leis, a cultura negra vem sendo exaltada e valorizada. É um livro com poucas contribuições, mas que são pertinentes para promover debates sobre a cultura afro em sala de aula, por destacar, por exemplo, que, no Brasil, a cultura africana está presente também na capoeira, uma atividade física que mistura esporte, luta, dança, música e brincadeira. Assim, o livro está abordando de algum modo a inclusão, as memórias dos ancestrais e quais atividades realizavam, sendo capaz de hoje contribuir para que os estudantes tenham apreço pelo que está sendo

transmitido. Então é este o sentido de representação afro-brasileira presente neste livro didático.

O livro *Bem-Me-Quer*, da Editora do Brasil, publicado em 2021, das autoras Márcia Cristina Hipólide e Mirian Gaspar, nas páginas 138 e 139: “As Manifestações Culturais no Brasil”, menciona o samba como contribuição do povo africano e da importância das histórias contadas por pessoas mais velhas. Duas fotografias recentes de roda de samba, uma no Rio de Janeiro de 2016 e a outra em Terra Nova, Belo Horizonte, em 2019, são registros atuais da cultura afro-brasileira. E nas respectivas páginas foi mencionada a palavra “escravo” somente uma vez. Isso traz, assim, uma reflexão sobre nossos ancestrais, que são fontes de sabedoria e aprendizado.

Bem Me Quer expõe “o modo de dançar, tocar os instrumentos e de cantar, que foi influenciado pelas comemorações e rituais dos africanos”. Na visão dos povos africanos esses rituais eram passagem para o mundo espiritual, mas também é necessário compreender que “não há uma separação entre o mundo material e o mundo espiritual; tudo se relaciona e se entende que há uma ligação entre a vida cotidiana e as forças imateriais que a governam” (LIMA, 2018, p. 167). Destaca-se então a importância de uma educação que venha a desconstruir paradigmas, trazendo contribuições para dentro da sala de aula. Uma educação de qualidade cujos objetivos sejam transmitir memórias positivas de nossos ancestrais, pois eles são os elos do passado e os guias do futuro, criando uma fonte de inspiração para os estudantes.

Temos em Silva (2000) uma questão importante, que é da valorização do negro, mas não no sentido de que deve ser exaltado somente em suas “boas ações”, algo como “ele é negro, mas se comporta bem”, “é negro, mas se veste bem”, “é negro, mas de alma branca”, “é negro, mas é cheiroso”.... É necessário, sim, cultivar uma valorização no sentido de quebrar os paradigmas que o reduzem a um indivíduo que não pode mostrar o lado sombrio do ser humano que todos nós temos. E quando uma criança negra reclama de que sofreu ou está sofrendo discriminação, é necessário sentar e conversar com todos os envolvidos, para educar neste e em tantos outros sentidos antirracistas, e não tratar como “coisa de criança sem importância”. A literatura afrocentrada então coloca-se como um caminho de muitas possibilidades para isso.

Consciência histórica

O livro *Da Escola para o Mundo*, da Editora Scipione, publicado em 2021, dos autores Alexandre Alves e Letícia Fagundes de Oliveira, tem como introdução “Migração forçada e resistência escrava”, nas páginas 78, 79 e 80. Relata a exploração da mão de obra escrava forçada a migrar para o Brasil e trabalhar nas plantações, nos engenhos, carregar mercadorias, fazer serviços domésticos, entre outros serviços subalternos. Com uma vida extremamente difícil os negros fugiam para as comunidades quilombolas. Somente em 1888 o trabalho escravo foi abolido por lei. Algumas imagens de 1834 mostram negros carregando mercadorias pesadas para as embarcações, os homens usando roupas na parte inferior e sem camisas e as mulheres de vestidos longos. Os autores da obra apontam o poder da branquitude tanto nos escritos como também na imagem. Então, hoje, transmitir esse passado de poder, em que prevalecia só a vontade dos elitizados em meio a uma sociedade que está em constante transformação, requer uma reflexão aprofundada com apoio do livro didático em questão, assim como de questionamentos.

Ao mostrar que os trabalhadores escravizados eram forçados a trabalhar nas plantações e engenhos, carregar mercadorias e extrair ouro da mineração, submetendo-os a condições desumanas, mostra-se uma visão cruel de poder. Com base nos descritos, tomemos consciência sobre nossa cultura atual de acordo com Munanga (2009, p. 9): “Tomar consciência histórica da resistência cultural e da importância de sua participação na cultura brasileira atual é o que importa e deveria fazer parte do processo de busca da identidade negra por parte da elite politizada”. Entendo, assim, que a cultura afro-brasileira é rica e diversa, e pode ser uma fonte de inspiração para a alta sociedade.

Então, nas análises realizadas nos livros de história do 3º ano do ensino fundamental nota-se que eles contêm poucas contribuições pertinentes à cultura afro-brasileira, trazendo insuficiência de contribuições teóricas e históricas sobre o assunto, o que pode até causar a falta de interesse dos alunos pelo assunto abordado.

Constata-se que a representação social do negro baseada na atualidade foi registrada em apenas um exemplar, assim como também foram registradas as

transformações que vêm ocorrendo nos últimos anos a partir da lei nº 10.639/03 e de outras leis que foram promulgadas a partir desta. Portanto, clama-se por edições de livros didáticos que contemplem e promovam um trabalho de sensibilização, que haja um maior interesse dos professores e alunos a virem trabalhar vivenciando essa cultura. Que tenham diálogos produtivos, e que se criem outros significados fora do espaço escolar, para que não só o aluno, mas todos respeitem a história e a cultura negra. Que os livros didáticos possam auxiliar efetivamente os agentes transformadores da práxis educacional. Em Silva (2011, p. 31) vemos que “a representação social do negro, baseada, em grande parte, no senso comum, está sofrendo uma transformação, a partir de outras visões de realidade e de solicitações de ordem econômica, política, moral e social”.

Com base nestas evidências estereotipadas nos textos e ilustrações é que sugiro mudanças em edições de livros, almejando um prestígio seguro de identidade e valorização do negro na sociedade. A escola é detentora do conhecimento, como também de estimular seus alunos a transcender seus próprios muros e pensar na educação onde os marcos históricos sejam valorizados e estimulados a formar cidadãos conscientes da pluralidade. Desta forma, percorremos esse caminho da literatura onde devemos preservar e desenvolver práticas e estratégias para avançar no ensino da cultura afro-brasileira e refletirmos sobre a diversidade, estimulando valores e respeito com o meio individual e social.

Ao analisar trechos das obras, percebe-se que contêm poucas contribuições para uma formação de identidade afro-brasileira, considerando-se que o livro didático adotado como base das práticas pedagógicas é o material de referência que se tem para trabalhar com os alunos. Se eles não apresentam uma abordagem dos conteúdos considerável para que ocorram mudanças em seu aprendizado, percebe-se que esses conteúdos devem ser modificados, de modo a focar o olhar para a diversidade étnico-racial pela qual esta pesquisa está sendo desenvolvida. Como trabalhar diversidade se os livros não a contemplam?

Os livros precisam ser fontes de informação para que os alunos se apropriem deste mundo imaginário e valorizem a sua cultura identitária, pois devido a sua segregação (raça), eles não se identificam como negros. Também, devido ao conhecimento que lhes é passado pelos livros didáticos, nos quais a palavra “escravo” ou “escravizado” está sempre presente de forma a não contemplar a

memória dos seus ancestrais. Para a criança, a leitura é uma representação real da realidade, uma viagem na qual suas emoções despertam o prazer e a imaginação. Como podemos, além de mediar a reelaboração de materiais didáticos alternativos para minimizar relatos negativos, também integrar a formação de professores nesse processo, de modo a promover uma abordagem crítica que estimule a reflexão dos alunos?

Observa-se, assim, a escassez de assuntos pertinentes para abordar as representações sociais do negro na contemporaneidade. Verificou-se que as obras analisadas pouco contemplam as problemáticas referentes à cultura afro-brasileira por tratarem o tema de forma superficial, trazendo poucas contribuições. Nota-se, deste modo, os aspectos eurocêntricos e a hegemonia da branquitude nos materiais que são selecionados para fazer parte do PNLD. E, além disso, nota-se o quanto a falta de problematização quanto às relações étnico-raciais nesses livros é uma forma do epistemicídio denunciado por Sueli Carneiro em sua tese de doutorado e problematizado em Pessanha (2019) e outros estudos, ou um silenciamento sobre as culturas africana e afro-brasileira.

Percebe-se, também, que as contribuições não abrangem as necessidades sociais existentes, pois um livro que pouco fala sobre a cultura afro-brasileira pode ser uma maneira importante de entender como a educação pode ser usada para continuar reproduzindo o racismo e a discriminação. Além disso, alguns livros apresentam uma visão eurocêntrica da história do Brasil, o que pode levar os alunos a pensar que só há uma única, a história dos brancos. Assim, muitos alunos negros podem sentir que sua história e cultura não são valorizadas pelo sistema educacional.

5.2 Os livros de contos infantis afro da Instituição X

Em relação às obras literárias afrocentradas disponibilizadas na biblioteca da Instituição X, foram escolhidos quatro exemplares: *Os Tesouros de Monifa*, de Sonia Rosa Rosinha, *Caderno Sem Rimas de Maria*, de Lázaro Ramos, *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado e Bruna e *a Galinha D'Angola*, de Gercilga de Almeida. Em relação a essas obras foi identificado um autor negro.

Tabela – Quantidade de obras da biblioteca x quantidade de obras afrocentradas

Número total de obras	Obras afrocentradas
900	4
100%	0,6%

Fonte: construído pela autora

Este é então um pequeno acervo coletado dentro de mais de 900 livros literários infantis destinados ao 3º ano, que contribuíram para a pesquisa e podem servir de base para que outros materiais sejam desenvolvidos como sugestão de produto.

Quadro 4 – Temas abordados nos livros de contos

Título do livro Autor(a)	Editora ano página	Excerto sobre o tema afro
Bruna e a galinha D'Angola Autora: Gercilda de Almeida	Pallas 2000, p. 4	“Bruna era uma menina que se sentia muito sozinha. Quando estava muito triste ia para casa de sua avó Nanã, que chegara de um país muito distante, e pedia para lhe contar histórias de sua terra natal.”
Os Tesouros de Monifa Autora: Sônia Rosa Rosinha	Brinque-Book 2009 p,10	“O encontro do passado com o presente tem embalado esse tesouro maravilhoso da minha família. Eu mesma conheço as rezas e alguns versinhos.”
Caderno Sem Rimas de Maria Autor: Lázaro Ramos	Pallas 2018 p.15	“Liberdeito é difícil de explicar. Tem a ver com liberdade, mas só isso não vai bastar. Junte também com direito. De ir e vir, de ser e estar.”
Menina Bonita do Laço de Fita Autora: Ana Maria Machado	Ática 2019 p.3	“A pele era escura e lustrosa, que nem pelo de pantera-negra quando pula na chuva.”

Fonte: Construído pela autora, 2024.

As obras afrocentradas estudadas nesta seção, embora apresentem alguns problemas, abordam temas importantes como a diversidade, a autoestima, a aceitação, a cultura afro-brasileira e a valorização das diferenças, de maneira lúdica e positiva.

Representação positiva

Em *Bruna e a galinha D'Ángola*, de Almeida (2000), os personagens são a menina Bruna, a avó Nanã, a galinha Conquém, o tio de Bruna, as meninas da aldeia - amigas de Bruna, um lagarto e um pombo. A história é um relato sobre as raízes africanas de um tempo passado, e o narrador discorre sobre os sentimentos de Bruna, a menina que adorava ir para a casa da avó ouvi-la contar histórias. A que mais gostava era a da galinha Conquém. Um dia Bruna sonhou que tinha uma galinha igual a da história que sua avó contava, então pediu para seu tio oleiro lhe ensinar a fazer uma galinha de barro para que não se sentisse tão sozinha.

No dia de seu aniversário, Bruna, então, ganhou de sua avó um presente: era uma galinha d'Angola igual a do seu sonho, que se chamaria Conquém, que se sentiu muito feliz criando amizades com as meninas da aldeia. Um dia a galinha estava ciscando e as meninas descobriram um baú no qual tinha um tecido com estampa de um lagarto e um pombo que, segundo sua avó, foram animais que ajudaram na criação do mundo.

Percebe-se que o livro, que traz os itãs africanos como o de Nanã (a avó e guardiã das memórias do mundo) é de fácil compreensão, as ilustrações são de tamanho ideal e coloridas, simbolizando a África. É um livro apropriado para trabalhar a cultura e os itãs africanos, como também os diversos papéis do negro na sociedade. Assim, Galinha d'Angola contribui ao ensinar a amizade que devemos ter uns com os outros, como também a importância de zelar por todas as vidas e pelos animais, contribuindo “para os processos de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais” (SILVA, 2000, p. 9).

Na obra *Os Tesouros de Monifa* (2009) o autor vai expressando toda sua emoção, embora as imagens possam ser reais ou imaginárias. Monifa chega ao Brasil escravizada em um navio negreiro vindo da África, e sozinha encontra refúgio nos escritos que deixará mais tarde para seus familiares que ficaram distantes. O

tempo passa e anos depois, Abigail, bisneta de Monifa, recebe uma caixa com os escritos que contam a sua emocionante história relatando a escravização, a ancestralidade e as memórias da vida que tinha na África. Monifa escreve sobre a importância da família, cujos membros são nossos maiores tesouros e por quem devemos ter muito apreço. Essas memórias vêm ao encontro de contribuir com o nosso desenvolvimento e dar sentido a nossas vidas como seres humanos negros. Assim, a leitura de *Os tesouros de Monifa* incentiva a busca pela história e as raízes negro-africanas.

O livro infantil *Cadernos sem Rima de Maria*, escrito pelo autor Lázaro Ramos (2018), é ilustrado por Maurício Negro e inspirado na filha do autor. Conta a história de Maria, uma menina que inventava palavras e brincava com a linguagem, mostrando sua criatividade e liberdade de expressão. A obra nos passa que não há regras ou limites para a imaginação e que cada um pode criar a sua forma de ver e contar o mundo. Assim, a obra pode ser considerada uma valorização da diversidade cultural e da identidade brasileira, por celebrar a imaginação infantil, incentivando as crianças a explorarem e se divertirem com sua própria criatividade.

Pistas para discussão

Menina bonita do laço de fita foi escrito por Ana Maria Machado (2019). É um conto infantil que narra a história de uma menina negra que encanta um coelho branco que queria ter uma filha como ela. Ele tenta de tudo para ficar preto, mas não consegue. No final ele encontra uma coelha preta, se casam e têm muitos filhotes, de várias cores, inclusive uma coelha preta. O livro, embora tenha como personagem principal uma menina negra, reproduz em várias passagens os estereótipos imagéticos do negro utilizando termos como “pretinha”, “preta de mãe mulata”. Ainda que tenha contribuído com a diversidade incentivando as crianças a aceitarem a si mesmas, essas expressões linguísticas hoje são vistas como pejorativas. É um livro escrito pela visão do branco, o qual ainda é considerado “normal” em detrimento do negro. O texto confere racismo às transformações, discriminando hierarquicamente pela descrição das nuances da cor da pelagem dos coelhos, fazendo uma analogia às diferentes cores de pele. Porém, vale lembrar que a primeira edição deste livro foi escrita em 1986, quando tais expressões não eram consideradas ofensivas em alguns contextos. Como na atualidade não devem ser

utilizadas, há necessidade de revisões e atualizações das edições publicadas, considerando-se também que a linguagem se transforma ao longo do tempo. Novamente, percebe-se a “redução do negro a significantes de sua diferença física” (HALL, 1997b, p. 18), que neste caso é o tom de cor de pele. E, além disso, os professores também precisam receber uma afrobetização para compreenderem os termos utilizados hoje e contribuírem com essas novas produções literárias.

Portanto, conclui-se que essas obras abordam as relações étnico-raciais e a cultura afro brasileira, a ancestralidade, nossas memórias, a identidade negra, a diversidade, contribuindo como instrumentos para a educação, conscientização da cidadania e para o fortalecimento e a autoestima de crianças negras. É muito importante termos livros nas escolas com a representação da criança negra descrita e ilustrada, para que se sinta incluída e valorizada. Cada uma das obras aqui analisadas tem sua própria mensagem e estilo, contribuindo parcialmente com a literatura afro-brasileira, por serem ainda insuficientes, embora possam ser utilizadas pelos professores como ferramentas pedagógicas estimulando a leitura, a criatividade, a imaginação, e promovendo a empatia, a compreensão e o respeito pelas diferenças.

Perante o exposto defende-se que o livro didático seja uma ferramenta sinalizadora para trabalhar a representação étnica social dos alunos, promovendo aos negros a sua representação social identitária, e aos brancos a empatia e respeito à diversidade¹². Desta forma, percebe-se que não existe resposta única, mas sim a condução desta transformação e das forças que dão existência a essas mudanças. Sabemos que a literatura é uma das manifestações artísticas do ser humano, com objetivos e públicos diferentes, podendo auxiliar no processo de transformação social. Por meio da literatura a criança tem a formação e a compreensão de si mesma e as condutas sociais do mundo.

¹² Um exemplo de materiais pedagógicos atuais afrocentrados, e/ou afrobetizadores, é o inspirador trabalho da professora e pesquisadora Pérla Santos. Ver *Instagram*: https://www.instagram.com/perolas_da_perla/.

6 LEITURAS AFROCENTRADAS - O PRODUTO FINAL

O material criado como produto educacional para esta pesquisa são divulgações em forma de card digital voltados à cultura afro-brasileira, com indicações de outras obras literárias afrocentradas. Para a divulgação foram utilizadas as redes sociais tais como *Facebook*, *Whatsapp*, *Telegram* e *Instagram*¹³, além do site leituras-afrocentradas, que é simplificado, para que facilite o acesso, pois a tecnologia proporciona mais visibilidade. Assim, foram dadas sugestões para que as escolas adquiram outras obras, então professores e alunos terão acesso diversificado dessas literaturas afrocentradas. Espera-se que o desenvolvimento deste produto seja de suma importância para contribuição das ações pedagógicas dos profissionais da educação escolar, alunos e comunidade, no estudo de atividades e ações voltadas para uma educação identitária afrocentrada, antirracista e menos preconceituosa.

Ao abordar a construção de memórias de forma positiva, espera-se que os docentes possam aprender sobre suas raízes, e se reconhecendo como tal, de forma não preconceituosa e sofrida, mas sim uma cultura de saberes e valores para a nossa sociedade, pretendendo-se construir e desconstruir o nosso processo das práticas pedagógicas valorizando os nossos saberes. O produto desenvolvido conta com conteúdos informativos e literários, explanando mais reflexão e direcionamento para o público-alvo que são os professores pedagogos, pois a arte afrocentrada ainda é pouco divulgada nas instituições de ensino. Poderá ocorrer, então, a revitalização desta cultura para contribuir com a construção identitária dos estudantes, como também a valorização da diversidade cultural dentro dos espaços escolares, potencializando a autoestima de alunos negros, de maneira multidisciplinar.

Com a perspectiva de um produto que contribua de forma interdisciplinar promovendo ações e vivências com o respeito à diversidade, o material voltado à cultura afro-brasileira com indicações de livros afrocentrados (de autoras e autores

¹³ Facebook e Instagram são duas das principais redes sociais utilizadas atualmente no Brasil. WhatsApp é um aplicativo de mensagens instantâneas, mas também é considerada uma das principais redes sociais usadas. E o Telegram também pode ser utilizado com os mesmos fins. No Whatsapp e no Telegram é possível criar comunidades. (Fonte: SITE MLABS. Disponível em: <https://www.mlabs.com.br/blog/diferencas-entre-as-principais-redes-sociais>. Acesso em: 03 fev. 2024).

negros) foi criado no aplicativo *Canva*¹⁴, contemplando-se também as narrativas e ilustrações para incluí-los em nossas práticas pedagógicas. Cada card traz sugestões de obras literárias a serem trabalhadas nas escolas tendo como proposta analisar a literatura afrocentrada e de que forma ela pode ser percebida nos contos infantis e como vem sendo mencionada a cultura afro-brasileira nos livros didáticos.

Observando o mercado existente, saliento que outros produtos poderiam atender ao mesmo objetivo, mas em função das vantagens da comunicação instantânea que as redes sociais oferecem optou-se pelo card como produto final educativo, que pode ter uma repercussão satisfatória. Desta forma, a grande maioria dos consumidores são os professores e alunos, para que as sugestões dessas obras ampliem seus conhecimentos sobre a cultura afro-brasileira.

As obras selecionadas para uma primeira divulgação são:

Chutando Pedrinhas - este livro foi publicado em 2014, tem 48 páginas e aborda as especificidades da relação entre pai e filha e como os pais podem contribuir para uma educação equânime entre meninas e meninos. E, também, é parte dos esforços do Instituto Promundo para estimular o debate sobre alternativas sem o uso de castigos físicos e humilhantes na educação.

Quem criou a personagem principal e a história foram 17 meninas brasileiras. De acordo com Fonseca (2014, p. 38-39):

O livro “Chutando Pedrinhas” foi inspirado nos resultados de uma pesquisa realizada pelo Instituto Promundo em 2009-2010, com pais, mães e meninas de duas comunidades, sobre como a relação entre os pais (homens) e suas filhas influencia nas atitudes de gênero das meninas. A pesquisa demonstrou a importância de desenvolver estratégias para promover relações mais próximas e equitativas de pais com suas filhas, objetivo desse livro. Pretende estimular uma reflexão entre os pais e cuidadores sobre a possibilidade de dar limites para suas filhas e filhos, sem o uso de castigos físicos e por meio de relações que respeitem à equidade entre meninos e meninas.

A pergunta que se faz como dica de estudo para esta obra é: *Que expressões no livro revelam a importância das relações entre os gêneros masculino e feminino?* (Conforme consta no card ilustrado na Imagem 6) E também podemos pensar nessas relações entre gêneros da comunidade negra. Podem ser questionadas

¹⁴ “Lançado em 2013, o Canva é uma plataforma online de design e comunicação visual que tem como missão colocar o poder do design ao alcance de todas as pessoas do mundo, para que elas possam criar o que quiserem e publicar suas criações onde quiserem”. (Fonte disponível em: https://www.canva.com/pt_br/about/. Acesso em: 03 fev. 2024).

situações em que há diferenças entre as relações entre gêneros brancos e negros, por exemplo. E nas relações inter-raciais, há diferença? Pode-se pensar como abordar este assunto com as juventudes, ampliando-se, assim, o público-alvo desta pesquisa.

Imagem 6 - Card Chutando Pedrinhas



Fonte: Construído pela autora, 2024.

Ao tentar impedir que sua filha pratique as atividades que são cultural e socialmente condicionadas aos meninos, um pai começa a refletir sobre seu modo de pensar quando sua filha o questiona sobre por que não e lhe conta como se sente a esse respeito. Então os dois entram em um pacífico diálogo para resolver a situação. A história é contada por diferentes meninas que não colocaram nomes nos personagens. Isso pode sugerir que essa vivência pode ser e é vivida diariamente por elas e por muitas meninas, mas que pode ter um desfecho mais adequado, saudável e amoroso para pais e filhas.

Contos Africanos para Crianças Brasileiras - este livro, de Rogério Andrade Barbosa e Maurício Veneza, foi publicado em 2005, tem 24 páginas e apresenta dois contos envolvendo travessuras de diferentes animais que vivem na África - um rato e um gato no conto *Amigos, Mas Não Para Sempre*; e um jabuti no conto *O Jabuti de Asas*.

Os dois contos contam a história dos personagens animais em forma de mitos, assim como a cultura africana cultua seus orixás. Então, por exemplo, na

história em que o gato é traído pelo rato, explica-se porque naturalmente o rato é perseguido pelo gato até hoje. Assim como na história do jabuti de asas, que anda devagar até hoje porque um dia aprontou para um bando de pássaros e acabou caindo sobre muitas pedras, quebrando-se todo.

As duas histórias se passam em contexto africano, por isso nas ilustrações o livro mostra pessoas negras em suas lidas diárias, as crianças correndo e brincando, vestindo roupas típicas africanas em cenários da Uganda. A dica de estudo deste card é *Que expressões no livro revelam a cultura afro-brasileira?* (Imagem 7). Nestas histórias citam-se os tipos de comida da culinária africana, mostrando alguns costumes culturais da região.

Imagem 7 - Card Contos Africanos para Crianças Brasileiras



Fonte: Construído pela autora, 2024.

Crianças de Axé - esta obra ilustrada foi publicada em 2021, tem 22 páginas e foi escrita por 17 crianças negras, entre meninas e meninos. É oriundo do Projeto Crianças de Axé, onde “A partir da leitura de Itãs, conjunto de histórias acerca do Panteão Africano – um importante elemento de valorização cultural da religião de Matriz Africana no Brasil – as crianças participantes criaram quatro histórias que resultaram nesta publicação” (SOUZA, 2021).

É extremamente importante ter essa perspectiva biográfica ao trabalhar com o fenômeno do racismo porque a experiência do racismo não é um

acontecimento momentâneo ou pontual, é uma experiência contínua que atravessa a biografia do indivíduo, uma experiência que envolve uma memória histórica de opressão racial, escravização e colonização. (KILOMBA, 2019, p. 57).

Apresentando dois personagens, os irmãos gêmeos Ibejis em uma aventura para escapar dos planos malignos de Ikú, a morte, a obra faz parte do combate ao racismo orientando crianças e jovens para as questões que envolvem os ritos e as crenças afro-brasileiras que, ainda hoje, sofrem inúmeros tipos de preconceito. Assim, a dica de estudo do card (Imagem 8) é *Que expressões no livro revelam a religiosidade afro-brasileira?*

Imagem 8 - Card Crianças de Axé

Dica de estudo: Que expressões no livro revelam a religiosidade afro-brasileira?

crianças de axé
LIVRO ILUSTRADO

Esta obra surgiu a partir da leitura de Itãs, conjunto de histórias acerca do Panteão Africano – um importante elemento de valorização cultural da religião de Matriz Africana no Brasil

Clique na imagem para ler.

Além da leitura, você, professor(a), pode trabalhar esta obra em sala de aula.

Fonte: Construído pela autora, 2024.

Meninas Negras - este livro, da autora Maria do Carmo Ferreira da Costa, foi publicado em 2010, tem 12 páginas e contém histórias curtas de meninas negras que vivem felizes com sua família, a escola e o mar.

A família negra pode gerar e fortalecer as diversas identidades, a autoestima e também a baixa autoestima, porque ela é a matriz construtora desses elementos, o espaço da ancestralidade, da afetividade, da emoção, da aprendizagem dos diversos padrões sociais. (SILVA, 2011, p. 109).

A obra apresenta as meninas Mariana, Dandara e Luanda, cada uma com as suas habilidades e preferências pessoais, exaltando a beleza, a alegria, as cores, a

imaginação e a importância do feminino negro. Assim, a dica de estudo deste card (Imagem 9) é *Que expressões no livro revelam a cultura e a resistência afro-brasileira?* Também pode-se pensar em como trabalhar um processo respeitoso de empoderamento feminino para crianças e jovens negras e negros.

Imagem 9 - Card Meninas Negras



Fonte: Construído pela autora, 2024.

Meu Crespo é de Rainha - este livro foi publicado originalmente em 1999, é um poema ilustrado que apresenta diferentes penteados e cortes de cabelo, valorizando a cultura negra e os cabelos negros. A edição disponibilizada no card foi publicada em 2018. A autora, que utiliza o pseudônimo Bell Hooks, foi a única estrangeira escolhida para constar no acervo do site leituras-afrocentradas, que busca privilegiar produções afro-brasileiras.

Podemos considerar como movimento negro todas as entidades ou indivíduos que lutaram e lutam pela liberdade do negro, desenvolvendo estratégias de ocupação de espaços e territórios, denunciam, reivindicam e desenvolvem ações concretas para a conquista dos direitos fundamentais na sociedade. (SILVA, 2011, p. 116).

Assim, a questão da dica de estudo deste card (Imagem 10) é *Em qual parte do livro se percebe mais a valorização da cultura afro-brasileira?*

Imagem 10 - Card Meu Crespo é de Rainha

☰ Dica de estudo: Em qual parte do livro se percebe mais a valorização da cultura afro-brasileira?



Este livro é um poema ilustrado que apresenta diferentes penteados e cortes de cabelo, valorizando a cultura negra e os cabelos negros.

Clique na imagem para ler.

Além da leitura, você, professor(a), pode trabalhar esta obra em sala de aula.



Fonte: Construído pela autora, 2024.

Minha Mãe é Negra Sim! - esta obra, de Patrícia Santana, tem 14 páginas e conta a história de um menino negro que inicia uma jornada de autoconhecimento depois que a professora pede que ele pinte o desenho de sua mãe de amarelo, “porque é mais bonito”. A história é do menino negro Eno que, não compreendendo o mal-estar causado pela exigência da professora, recusa-se a pintar o desenho de sua mãe de amarelo, compreendendo que aquela não é a sua cor, nem de sua família.

Novamente, percebe-se a importância de se trabalhar a ancestralidade com as crianças, podendo-se partir da pergunta *Que expressões no livro revelam a valorização da ancestralidade negra?* (conforme o card ilustrado na Imagem 11). Há a necessidade de se trabalhar o tema da representação entre as crianças, para que possam sentir-se bem em ser exatamente quem elas são, com suas características físicas, emocionais e seus costumes.

Imagem 11 - Card Minha Mãe é Negra Sim!



Fonte: Construído pela autora, 2024.

O Pequeno Príncipe Preto - este livro, de Rodrigo França, tem 32 páginas, foi publicado em 2020 e conta a história de um pequeno príncipe preto que vive em um minúsculo planeta onde existe apenas uma árvore - Baobá, como sua companheira. Ele viaja por diferentes planetas quando chegam as ventanias, para espalhar as sementes da Baobá.

Nesta obra também há ensinamentos sobre ancestralidade, a importância da natureza para a cultura negra, uma problematização sobre cores de pele, riquezas materiais e de afetos, questões de gênero, além de muita viagem interplanetária e amor. É uma aproximação com a filosofia lorubá.

Minha boca é grande e carnuda.
 Olhe o meu sorriso, como é simpático e bonito!
 Eu tenho nariz de batata. Eu adoro batata e adoro meu nariz.
 Meus olhos são escuros como a noite. Também existem olhos claros, mas gosto dos meus olhos como eles são. Porque são meus. (FRANÇA, 2020, p. 11).

A dica de estudo do card (Imagem 12) é a mesma anterior, podendo-se lançar outros questionamentos alinhados às variadas discussões que o texto do livro oferece, como cores de pele, coisas de menino e de menina, diferenças entre povos e nações, entre outras.

Imagem 12 - Card O Pequeno Príncipe Preto



Dica de estudo: Que expressões no livro revelam a valorização da ancestralidade negra?

Este livro conta a história de um pequeno príncipe preto que vive em um minúsculo planeta onde existe apenas uma árvore, Baobá, a sua companheira.

Clique na imagem para ler.

Além da leitura, você, professor(a), pode trabalhar esta obra em sala de aula.

Fonte: Construído pela autora, 2024.

Princesas Africanas - esta obra, da iniciativa de Leia Brasil, foi publicada em 2009, e é direcionada para professores. Traz muitas discussões sobre as questões raciais no Brasil para que a classe educadora possa, além de também questionar, levar perguntas para seus alunos, de modo a construir novos olhares em torno da cultura afro-brasileira e do racismo.

Por que é tão difícil que a descendência negra ganhe cidadania no Brasil, a ponto de ser necessária a criação de um movimento pela consciência negra e a promulgação de uma lei que obrigue as escolas a ensinar a História e a Cultura Africana? (LEIA BRASIL, 2009, p. 9).

Um conhecimento que poucos têm, é sobre a ascensão social negra africana. Existe a realeza africana sim! Então, a pergunta lançada na dica de estudo desta obra, que é *Que expressões no livro revelam a importância das relações entre os gêneros masculino e feminino?* (Imagem 13), pode ser articulada à leitura da obra *Omo-oba: Histórias de Princesas e Príncipes*, de Kiusam de Oliveira (2023), que “reconta mitos iorubás de princesas e príncipes africanos narrando suas aventuras, dramas e peripécias”¹⁵.

¹⁵ Fonte: OLIVEIRA, Kiusam de. **Omo-oba: Histórias de Princesas e Príncipes**. Editora Schwarcz SA. 2023.

Imagem 13 - Card Princesas Africanas

 Dica de estudo: Que expressões no livro revelam a importância das relações entre os gêneros masculino e feminino?



Sim! A a realeza africana existe! Venha conhecer mais sobre as princesas.

Clique na imagem para ler.

Além da leitura, você, professor(a), pode trabalhar esta obra em sala de aula.



Fonte: Construído pela autora, 2024.

As dicas de estudo criadas para os cards são apenas sugestões para que professores possam adaptar às questões que surgirem em sua sala de aula, para a sua realidade. Servem para iniciar debates saudáveis em torno do tema e para chamar a atenção para a cultura negra. Espera-se também que, com o desenvolvimento deste produto, aumente o interesse social e que a escola passe a ser uma estimuladora da diversidade e do conhecimento educacional. Na Imagem 14 expõe-se a interface da página inicial do site¹⁶ de divulgação do material criado.

¹⁶ Disponível em: <https://leituras-afrocentradas.my.canva.site/livros>.

Imagem 14 - Interface da página inicial do site leituras-afrocentradas



Fonte: Construído pela autora, 2024.

O processo de confecção dos cards e do site foi desafiador, visto que são ferramentas ainda pouco dominadas, mas foi importante aprender a lidar, até para depois conseguir dar continuidade a este trabalho alimentando os materiais e o site, para disponibilizar para cada vez mais crianças e profissionais da educação. Então compreendo que tudo é um processo que pode ser aprimorado e modificado ao longo do tempo.

Primeiro, foi necessário aprender as ferramentas básicas do aplicativo em questão, como buscar as imagens e elementos que seriam interessantes para compor os cards. Fazendo uma busca pelos termos *black child*¹⁷, aparecem variados conjuntos de imagens, desde fotografias, vídeos, elementos gráficos, formas e geradores de imagem por IA (Inteligência Artificial¹⁸).

Na Imagem 15 é possível visualizar uma das páginas do site que, como já explicado, é bastante simplificado, justamente para tornar mais fácil o acesso às obras infantis afrocentradas.

¹⁷ A busca por termos em língua portuguesa como “criança negra” não traz tantos resultados quanto a busca em língua inglesa.

¹⁸ É importante salientar que grande parte do acervo de imagens e elementos encontrados no referido aplicativo são pagos, o que dificulta um pouco o trabalho. Inclusive, curiosamente, quando foi realizada a busca pelos termos “black child reading” (criança negra lendo), quase 100% das imagens que retornam são do nível pro (pago) do aplicativo. Com base nisso arrisca-se afirmar que, em razão das relações étnico-raciais estarem ganhando cada vez mais espaços na contemporaneidade, acaba se tornando um mercado onde as pessoas precisam pagar para obter materiais referentes. Por um lado isso pode ser bom, pois há uma valorização acontecendo. Mas por outro, ruim, pois quem não tem condições econômicas não pode ter acesso ao material que originalmente é oferecido como gratuito.

Imagem 15 - Página do site leituras-afrocentradas



Fonte: Construído pela autora, 2024.

Nas páginas onde se encontram os cards também há dicas de estudo que buscam provocar o pensamento crítico e reflexões sobre as questões voltadas para as relações étnico-raciais e para incentivar professores a aplicá-los em sala de aula com seus alunos. Cada página contém dois cards, cada um com uma obra a ser visitada, que pode ser lida e/ou baixada em PDF para um celular, tablet ou computador ao clicar na imagem. As obras em PDF estão em uma pasta no drive do Google e são acessadas na íntegra.

Depois de criados os cards montando-os com imagens e texto, adicionei um link a cada um, para que seja possível, ao clicar, ler levado ao livro que está no título, o qual está dentro da referida pasta do drive do Google. As divulgações foram realizadas pelas redes sociais como Facebook, Instagram, Telegram e Whatsapp, onde os contatos recebem uma página com um conjunto de cards e em um contém o link para o livro. A ideia é continuar alimentando o site e fazendo os cards a cada nova leitura que surgir, para manter os professores e os alunos atualizados.

7 ALGUMAS CONCLUSÕES

Este trabalho teve o objetivo de analisar como é tratada e apresentada a cultura afro-brasileira nas instituições a partir do estudo da literatura afrocentrada. E como objetivos específicos mapeou o tema afrocentrado da literatura em livros disponíveis nas bibliotecas de duas instituições, X e Z; atendendo ao que é solicitado na Lei 10.639, de 9 Janeiro de 2003; e ressignificando a cultura afro-brasileira em materiais didáticos, valorizando aspectos identitários e da representação.

Foi apresentado, no capítulo de Introdução, um memorial pessoal e profissional, seguido do capítulo 2 – o contexto onde a pesquisa foi realizada, apresentando o local/instituição/município, a perspectiva de espaços de cultura e de memória sobre a cultura afro na cidade pesquisada, uma análise sobre o livro *Balneário Gaivota – Sua Terra... Sua Gente...* (PEREIRA, 2004), um mapeamento sobre obras literárias infantis afrocentradas na Instituição Z da cidade, e uma revisão sobre os 21 Anos da Lei 10.639 de 09 de janeiro 2003.

No capítulo 3 desta dissertação realizou-se uma revisão conceitual sobre Memória Social, uma revisão com as produções escritas sobre literatura afro-brasileira escolhidas no repositório da Universidade La Salle, e uma revisão em torno da Representação.

O capítulo 4 foi dedicado às análises das obras escolhidas para esta pesquisa – os livros didáticos de história e os livros de contos, da Instituição X. No capítulo 5 consta a descrição da metodologia escolhida para este trabalho. No capítulo 6 estão a descrição e a explicação sobre como foi criado o produto educacional proposto para este Mestrado Profissional. E, por último, constam as conclusões e as referências.

A lei nº10.639/03 pode desempenhar um papel crucial na luta contra o racismo, desafiando mitos como o da democracia racial e evidenciando a realidade das desigualdades no Brasil. Percebe-se que sua implementação nas escolas, em espaços públicos, museus, bibliotecas e principalmente nas cidades, irá promover o despertar para uma mentalidade que respeite as diversas etnias com igualdade. Diante da problemática exposta sobre a falta de conteúdo da cultura afro-brasileira nos livros didáticos de história e de contos infantis, como também sobre as

discussões em torno das formações continuadas nas instituições de ensino, os dados desta pesquisa evidenciam os silenciamentos e apagamentos da cultura afro na cidade pesquisada. Portanto, apoiei-me nas bibliografias buscando em outras fontes os assuntos pertinentes ao tema, tornando possível tecer, ao longo desta escrita, as discussões que fomentam o ponto inicial, questionando acerca da estrutura que ainda hoje molda os parâmetros educacionais.

Neste sentido, é perceptível a discriminação racial enquanto parte da educação e dos órgãos públicos pesquisados. É fundamental que haja uma maior valorização e incentivo de debates sobre o tema, viabilizando a inclusão da cultura afro-brasileira nas escolas e na cidade. As pesquisas bibliográficas realizadas servirão para compartilhar descobertas com educadores, professores e gestores escolares. Isso poderá gerar mudanças curriculares e práticas pedagógicas que promovam a diversidade e a representatividade. Através do produto final pretende-se continuar fazendo divulgações sobre a cultura afro no site leituras-afrocentradas, e deste modo, sensibilizar a comunidade educacional sobre a importância da representatividade e do afroletramento literário. As análises poderão contribuir com futuras pesquisas e no desenvolvimento de materiais didáticos mais inclusivos, estratégias de formação e com políticas educacionais que promovam a diversidade.

A cultura afro-brasileira é mencionada nos livros didáticos analisados de maneira superficial e estereotipada como nas imagens e na escrita, ainda que depois de tantas leis regulamentadas esses estereótipos ainda se mantêm em pleno século XXI. A BNCC - Base Nacional Comum Curricular (2017), não foi sistematizada efetivamente, precisamos de gestão, de professores comprometidos para levar conhecimentos múltiplos aos nossos alunos. As obras literárias afrocentradas são ferramentas importantes para os alunos conhecerem de forma lúdica a ancestralidade africana.

Por terem sido pessoas escravizadas, os trabalhadores negros ficam rotulados, sendo assim inferiorizados em comparação a outras etnias. Ainda existem diversas barreiras a serem desconstruídas, mas ampliando nossos conhecimentos com empatia, respeito, solidariedade e com estudos fundamentados nas leis, iremos formar cidadãos com outras essências. Este trabalho problematizou como as relações étnico-raciais e a cultura afro-brasileira está voltada para a construção

identitária negra e a forma como está representada nos livros didáticos de história do 3º ano do ensino fundamental.

Ao realizar essas problematizações, esta pesquisa visou encontrar alternativas que possibilitem mais conhecimento e reflexão por meio dos cards educativos com sugestão de outras obras literárias afrocentradas infantis, para que tanto os professores como os alunos entendam a importância de trabalhar tais obras dentro de sala de aula. Ou seja, a partir da construção de uma memória de livros afrocentrados como reconhecimento de identidade cultural - os cards e o site leituras-afrocentradas - evidenciou-se esta importância.

Buscou-se, com esta dissertação, contribuir com a construção de memórias que, como nas palavras de Chagas, Graebin e Rosa (2021, p. 204): “circulem, seja pela palavra ou seja pela escrita, [...] (que) possibilitem a construção do novo, porém, agora, o desejado e não o inesperado: uma sociedade livre de todas as formas de preconceito, discriminação e racismo”.

Desta forma ao relacionar memória e cultura afro, trago Grada Kilomba (2019, p. 71), “dizendo o indizível”, o indizível que remete a uma outra forma de pensar, concebe a ideia de memória e atribui às experiências que são registradas como lembranças na nossa memória. É como um ato político de manifestações de resistência sobre aquilo que é dito às populações que foram jogadas na margem e ainda precisam se apropriar desse movimento de produzir o seu próprio discurso e produzir esse discurso através de outras fontes que não sejam ocidentais como nos terreiros de umbanda e nos quilombos - estes lugares vistos como elementos exóticos.

A ideia de memória na perspectiva afrocentrada vem de uma memória marcada por traumas, pois na perspectiva branca o trauma não existe. Para os negros as memórias são marcadas pela escravização, pelos traumas, pela negação, sofrimento e a dor que muitos de nós descendentes afro brasileiros temos até hoje. Assim, ao abordar a memória sob uma ótica afrocentrada, é inicialmente caracterizada por experiências de sofrimento, impacto emocional e aflição. Um passado agonizante não se pode passar pela memória como simples experiências vividas, sendo este movimento de produção de memória também muito traumático.

Neste contexto, Gilberto Ferreira da Silva (2023, p. 222) destaca a importância que “... é das possibilidades de se beber de outras fontes ou até mesmo trocar de

fonte, deslocando-se propositadamente da “fonte” hegemônica, procurando espaços geoeistêmicos que permitam a hidratação de um modo de pensamento outro.” Isso abre caminho para explorar diferentes fontes de conhecimento ou até mesmo buscar fontes alternativas, deliberadamente afastando-se da narrativa dominante, e procurando espaços de pensamento que permitam a absorção de perspectivas diversas.

O trabalho deixa, assim, uma perspectiva de continuação dos estudos tão importantes para o campo educacional, quando se poderá, por exemplo, realizar uma investigação aprofundada sobre como professores e/ou alunos de alguma instituição percebem essas questões voltadas para as relações étnico-raciais em livros didáticos e outros materiais.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.
- ALBORNOZ, Suzana. **O que é o trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- ALMEIDA, Gercilga de. **Bruna e a galinha d'Angola**. Ilustrações de Valéria Saraiva. Rio de Janeiro: EDC – Ed. Didática e Científica e Pallas Editora, 2000.
- ALÓS, A. P. Negra, afro-brasileira, afrodescendente: a literatura de Zeli de Oliveira Barbosa. **Confluente. Rivista Di Studi Iberoamericani**, 15(2), 569–590, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.6092/issn.2036-0967/15115>. Acesso em: 18 nov. 2023.
- ANDALÓ. **Didática de língua portuguesa para o ensino fundamental: alfabetização, letramento, produção de texto em busca da palavra-mundo**. São Paulo: FDT, 2000.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. 453 p.
- BARBOSA, Rogério Andrade; VENEZA, Maurício. **Contos Africanos para Crianças Brasileiras**. Paulinas, Coleção Árvore Falante, 2005.
- BITTENCOURT, Marcelo. As independências africanas: violência e diversidade. In: JORGE, Nedilson (organizador). **História da África e relações com o Brasil**. Brasília: FUNAG, 2018.
- BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS. NASCIMENTO, Abdias. **EMENTA**. Dispõe Sobre Ação Compensatória, Visando a Implementação do Princípio da Isonomia Social do Negro, em Relação aos Demais Segmentos Étnicos da População Brasileira, Conforme Direito Assegurado Pelo Artigo 153, Paragrafo Primeiro, da Constituição da República. 1983. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/190742>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988**. 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 10 dez. 2023.
- BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Planalto, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394. Acesso em: 24 jul 2023.
- BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996**, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Planalto,

2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm#. Acesso em: 07 jul. 2023.

BRASIL. **Resolução CNE/CP n.º 1, de 17 de junho de 2004**. Brasília: CNE, 2004. Disponível em: <http://www.prograd.ufu.br › legislacoes › resolucao-cne>. Acesso em: 24 jul 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Contribuições para Implementação da Lei 10.639/2003**. Proposta de Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – Lei 10.639/2003. Grupo de Trabalho Interministerial Instituído por Meio da Portaria Interministerial Mec/mj/seppir N° 605 de 20 de Maio de 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2012-pdf/10206-15-plano-nacional-de-implementacao-das-diretrizes-curriculares-nacionais-para-educacao-dasrelac/file>. Acesso em: 08 fev. 2024.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm#art1. Acesso em: 13 jan. 2024.

BRASIL. Lei n. 12.349, de 15 de dezembro de 2010. **Altera as Leis nos 8.666, de 21 de junho de 1993, 8.958, de 20 de dezembro de 1994, e 10.973, de 2 de dezembro de 2004; e revoga o § 1o do art. 2o da Lei no 11.273, de 6 de fevereiro de 2006**. Brasília: Planalto, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/_ato2007-2010/2010/lei. Acesso em: 24 jul. 2023.

BRASIL. Presidência da República - Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **LEI Nº 12.288, DE 20 DE JULHO DE 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial**; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm. Acesso em: 08 fev. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base**. 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 fev. 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana**. S/D. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1852-diretrizes-curriculares-pdf&category_slug=novembro-2009-pdf&Itemid=30192.  Acesso em: 10 jan. 2024.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Martins Fontes. São Paulo, 1999.

BERND, Zilé. **Negritude e Literatura na América Latina**. Porto Alegre: Cirkula, 2018.

CÂMARA DOS DEPUTADOS - SITE. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/183552>. Acesso em: 31 jan. 2024.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CAPES - capes.gov.br. **Periódicos**. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php?> . Acesso em: 10 dez. 2023.

CHAGAS, W. S.; GRAEBIN, C. M. G.; ROSA, L. R. L. da. Bibliotecas vivas das religiões de matriz afro: discussões teóricas e metodológicas. **Identidade!**, [S. l.], v. 26, n. 1 e 2, p. 222–242, 2021. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/Identidade/article/view/1203>. Acesso em: 26 mar. 2022.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2010.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, K. C. da. **A temática da cultura africana e afro-brasileira nas caixas de leitura do PNAIC**: Contribuições possíveis. 2021. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2021.

COSTA, Maria do Carmo Ferreira da. **Meninas Negras**. Coleção Griot Mirim. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

FERREIRA, Monique Valgas. **Carolina Maria de Jesus e Ryane Leão**: das memórias às escritas de si. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Bens Culturais). Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais. Universidade La Salle, 2022.

FERREIRA, Monique Valgas; ROSA, Lúcia Regina Lucas da. “Eu adoro a minha pele negra”: uma análise sobre memória social e interseccionalidade sobre a vida de Carolina Maria de Jesus. *In*: Silva, Meire Oliveira (Org.). **Protagonismos de mulheres nas artes e na sociedade [livro eletrônico]: da representação à resistência**. **Diálogos**, 2021. Tutóia, MA: (Protagonismos de Mulheres nas Artes e na Sociedade; v. 1).

FONSECA, Vanessa. **Chutando pedrinhas**. Rio de Janeiro: Instituto Promundo, 2014.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Teatro Experimental do Negro (TEN)**. Publicado originalmente e disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/teatro-experimental-do-negro-tenem> 14 de janeiro de 2016. Acesso em: 20 out. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1987.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ªed. São Paulo: Atlas, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *The Work of Representation*. In: HALL, Stuart.(Org.) **Representation. Cultural Representations and Signifying Practices**. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

HALL, Stuart. *The spectacle of the 'other'*. In: HALL, Stuart. **Representation. Cultural Representations and Signifying Practices**. London: Sage/Open University, 1997b. p. 223-290.

HOOKS, bell. **Aprendendo a transgredir**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. **Meu crespo é de rainha**. São Paulo: Editora Boitatá, 2018.

IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Igualdade racial**. Brasília, DF: IPEA, s/d. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/igualdaderacial>. Acesso em: 24 jul. 2023.

KILOMBA, GRADA. **MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO: EPISÓDIOS DE RACISMO COTIDIANO**. TRADUÇÃO DE JESS OLIVEIRA. RIO DE JANEIRO: COBOGÓ, 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica 1**. 5ª ed. - São Paulo: Atlas, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**, 14.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p.105-108.

LEIA BRASIL. Princesas Africanas. **Revista de (In)formação para Agentes de Leitura**. Leituras Compartilhadas. Ano 9, fascículo 19. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

LIMA, Monica. A diáspora africana: as influências culturais da África no Brasil e no mundo. In: In: JORGE, Nedilson (organizador). **História da África e relações com o Brasil**. Brasília: FUNAG, 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf. Acesso em: 30 jan. 2024.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Secretaria de Educação Básica. Programa Nacional do Livro Didático. **Edital de convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de obras didáticas para o programa nacional do livro didático – PNLD – 2010**. Publicado originalmente em 2010.

Disponível em: https://cchla.ufrn.br/pnld/wp-content/uploads/2010_edital_pnld.pdf. Acesso em: 10 out. 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Monografia/livro. São Paulo: FFLCH, USP, 2009.

NASCIMENTO, Abdias do. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **Estudos Avançados**. São Paulo, USP, vol.18, n.50, jan.-br. 2004. pp. 209-224. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100019. Acesso em: 25 set. 2023.

PENIN, S. T. S. Profissão docente. *In*: SALTO para o futuro. **Tv Escola**. Ano XIX – Nº 14 –Outubro/2009.

PEREIRA, Lúcia Adélia Garcia. **Balneário Gaivota – Sua Terra... Sua Gente....** 1ª edição. Santa Catarina: IOESC – Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2004.

PEREIRA MOTA, M.E.; SANTOS CRUZ, J. A. Mapeamento Sistemático da literatura sobre a Lei 10.639/03, do Parecer CNE/CP 3/2004 e seus impactos insatisfatórios na BNCC. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 16, n. 00, e023006, 2023.

PESSANHA, Eliseu Amaro de Melo. Do epistemicídio: as estratégias de matar o conhecimento negro africano e afrodiaspórico. *Problemata*, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 167-194, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.7443/problemata.v10i2.49136>. Acesso em: 7 mai. 2024.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 07 fev. 2024.

PORTAL DE TURISMO DE BALNEÁRIO GAIVOTA. Disponível em: turismo.balneariogaivota.sc.gov.br. Acesso em: 03 out. 2023. *In*: PREFEITURA MUNICIPAL DE BALNEÁRIO GAIVOTA - SITE. Disponível em: www.balneariogaivota.sc.gov.br. Acesso em: 24 jul. 2023.

REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL UNIVERSIDADE LA SALLE. Disponível em: <https://repositorio.unilasalle.edu.br/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Disponível em: <https://cdl-static.s3-sa-east-1.amazonaws.com/trechos/9788535932874.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ROBBINS, S. P. **Mudança Organizacional e Administração do Estresse**. Comportamento Organizacional. Rio de Janeiro: LTC. (p. 394-423), 1999.

ROSA, Lúcia Regina Lucas; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Narrativas de protagonismos: memórias de mulheres negras em “Olhos de azeviche”. **TEXTURA**, v. 23, p. 83-100, 2021.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23ª ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ana Célia da. **Projeto de pesquisa estereótipos em relação ao negro no livro de Comunicação e Expressão do 1º Grau - Nível I**. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), São Paulo SP, v. 63, p. 96- 97, 1987.

SILVA, Ana Célia da. AS TRANSFORMAÇÕES DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO E SEUS DETERMINANTES. In: Programa a Cor da Bahia. (Org.). **Educação, racismo e antirracismo**. Salvador: Novos Toques, 2000, v. 4, p. 97-130.

SILVA, Ana Célia da. **A representação social do negro no livro didático: o que mudou? Por que mudou?** Salvador: EDUFBA, 2011.

SILVA, Gilberto Ferreira. Beber de Outras Fontes: Metodologias Descoloniais para Continuar Conhecendo. **Revista Contrapontos** | Eletrônica | Vol. 23 | Nº 1 | Itajaí | (2023) JAN-DEZ. Disponível em: <https://repositorio.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/3856/1/14.%2bBEBER%2bDE%2bOUTRAS%2bFONTES.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2024.

SILVA, M. R. P. da. Literatura afro-brasileira na educação infantil: desafios à formação docente. **Educ. Form.**, [S. l.], v. 8, p. e10060, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/10060>. Acesso em: 19 jan. 2024.

SITE GOV.BR. **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação**. 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br>. Acesso em: 12 jan. 2024.

SOUZA, Zilda Amélia Costa de (Coord.). **Crianças de Axé** [livro eletrônico]. Livro ilustrado. 1ª ed. Cachoeira - BA: ePub, 2021.

SANTANA, Patrícia. **Minha Mãe é Negra Sim!** 1ª edição, Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

UNIVERSIDADE LA SALLE. **Manual para apresentação de trabalhos acadêmicos da Universidade La Salle** [recurso eletrônico] / [elaboração Cristiane Pozzebom, Samarone Guedes Silveira]. – 3. ed. – Dados eletrônicos. – 2021.